



PEQUENA HISTÓRIA DA LÍNGUA HEBRAICA

CHAIM
RABIN

0000 ∇∇ yy y
CENTRO DE ESTUDOS


summus editorial

Do original em língua hebraica

עיקרי תולדות
הלשון העברית

Ikarei Toldot Ha-Laschon Ha-Ivrit

Copyright © 1973, The World Zionist Organization
Department for Education and Culture in the
Diaspora, a quem agradecemos a cessão dos
direitos para a língua portuguesa.

Tradução de
Rifka Berezin

Revisão da tradução por
Nancy Rozenchan e Zipora Rubinstein

Capa de
Roberto Strauss

Proibida a reprodução total ou parcial
deste livro, por qualquer meio e sistema,
sem o prévio consentimento da Editora.

Direitos desta edição
adquiridos por
SUMMUS EDITORIAL LTDA.
Rua Cardoso de Almeida, 1287
05013 — São Paulo, SP
Telefones (011)65-1356 e 263-4499
Caixa Postal 13.814
que se reserva a propriedade
desta tradução.
Impresso no Brasil

FFLCH - CENTRO DE ESTUDOS JUDAICOS
CAIXA POSTAL 8105
CIDADE UNIVERSITÁRIA
CEP 05508
São Paulo - SP.

Esta obra, selecionada pelo Centro de Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, foi publicada sob os auspícios da Federação Israelita do Estado de São Paulo. A presente edição tornou-se possível graças ao espírito de compreensão do Sr. Cônsul Honorário de Israel, Leon Feffer.

ÍNDICE

<i>Apresentação da edição brasileira</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
I — Um panorama geral	11
II — O desenvolvimento do hebraico	15
III — Os fundamentos da língua hebraica	21
IV — O hebraico bíblico	35
V — A linguagem da Mischná	51
VI — O hebraico na diáspora	63
VII — A linguagem da poesia	67
VIII — A prosa hebraica medieval	75
IX — O período pré-moderno	81
X — O renascimento da língua	87
XI — A nova vida da língua hebraica	101
<i>Glossário</i>	115

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Selecionamos esta obra para dar início ao novo programa de publicações do Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo, devido à importância que damos ao estudo da língua hebraica dentro do quadro geral dos Estudos Judaicos.

Esta obra destina-se a proporcionar aos alunos e professores do Curso de Hebraico da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, assim como a todos os estudiosos e interessados nos Estudos Bíblicos e Estudos Judaicos, um conhecimento sobre a História da Língua Hebraica.

Trata-se de um trabalho do Prof. Chaim Rabin, Professor da Universidade Hebraica de Jerusalém e um dos especialistas mais conceituados na área. Neste livro, o autor escolhe, dentre as diferentes formas possíveis de se escrever a história de uma língua a de descrever os “laços entre a língua hebraica e o povo judeu em vários períodos, e apreciar a influência das mudanças na vida social judaica sobre o uso e caráter da língua hebraica”, conforme ele afirma no seu Prefácio.

Trata-se de uma abordagem sociolingüística, válida para se apresentar uma história da língua, principalmente no caso da história da língua hebraica.

O conhecimento da relação do uso do hebraico pelo povo judeu e a história deste povo esclarece, de um lado, certos aspectos do desenvolvimento da língua hebraica, e de outro, explica determinados eventos que influenciaram a história judaica, mormente no período da Idade Média.

Algumas palavras sobre a tradução: O livro foi traduzido do original hebraico “Ikarei Toldot Ha-Las-

chon Ha-Ivrit” (Pequena História da Língua Hebraica). Por orientação do autor, incluímos na tradução brasileira o segundo capítulo “The Development of Hebrew” (O desenvolvimento do hebraico) que só se encontra na versão inglesa da obra. Além deste, ainda foi ampliado o quinto capítulo — “A linguagem da Mischná” — que fora escrito pelo autor, em hebraico, especialmente para a edição brasileira.

Portanto, a edição brasileira que ora apresentamos é mais completa que as existentes em outras línguas, o que muito nos honra e pelo que agradecemos ao Prof. Chaim Rabin.

Além disto, achamos necessário a elaboração de um glossário, isto é, uma explicação de termos específicos da Cultura Judaica com os quais o leitor brasileiro nem sempre está familiarizado.

Quero agradecer também à profa. Zipora Rubinstein pela sua competente colaboração na elaboração do mesmo.

RIFKA BEREZIN
Diretora do Centro de
Estudos Judaicos da USP

PREFÁCIO

Há muitas formas de escrever a história de uma língua. É possível descrever as modificações que lhe afetaram a pronúncia, a escrita, a gramática, a sintaxe e o vocabulário. Pode-se relatar a história da literatura escrita nessa língua, e caracterizar a linguagem das mais importantes obras de cada época. Pode-se também acompanhar os contatos de uma língua com outras, quer geograficamente vizinhas, quer línguas eruditas e litúrgicas, e descrever as influências por elas exercidas sobre a língua em estudo. Por outro lado, é possível, ainda, pesquisar a influência dessa língua sobre outras e o interesse que despertou, e também enumerar seus pesquisadores mais eminentes e os resultados de seus estudos. A língua hebraica já foi estudada de todos esses ângulos, embora nunca de forma exaustiva.

Este pequeno livro segue por outra trilha. Sua finalidade é estabelecer os laços entre a língua hebraica e o povo judeu em vários períodos, e apreciar a influência das mudanças na vida social judaica sobre o uso e caráter da língua hebraica, e os serviços prestados por ela ao povo em diferentes circunstâncias. A tendência deste livro é sociológica, e se aproxima dos métodos da ciência sócio-lingüística, sem qualquer pretensão de profundidade sociológica ou de desenvolvimento científico dos fatos relatados. Se este livro ajudar os leitores a compreenderem a sobrevivência da língua hebraica através dos longos anos do exílio, e o seu renascimento há pouco menos de cem anos, então terá cumprido sua missão.

Jerusalém, junho de 1973

Chaim Rabin

I — UM PANORAMA GERAL

Por cerca de mil e trezentos anos, desde a conquista da Palestina, até após a guerra de Bar-Kohba, os judeus falaram o hebraico. Passaram então a falar outras línguas por mais de dezesseis séculos, até que o hebraico voltou a ser novamente falado na Palestina, há cerca de noventa anos.

As causas da interrupção da utilização do hebraico como língua falada devem ser encontradas no fato de que, a partir do Exílio da Babilônia, grande parte do povo judeu falava outras línguas. Os judeus da Babilônia falavam o aramaico, e os do Egito falavam o grego durante o período helenístico. Mesmo na Palestina havia regiões, como a Galiléia e a planície costeira, em que os judeus falavam o aramaico e o grego. O hebraico falado prevaleceu somente na Judéia e em algumas regiões um pouco mais ao sul, próximas à cidade de Hebron. Este hebraico estava longe de ser a linguagem da Bíblia. Era a linguagem que atualmente denominamos de "hebraico mischnaico" ou a "língua dos sábios". Quando, nas guerras de 66-70 (destruição de Jerusalém) e de Bar-Kohba (131-134), a Judéia foi arrasada e o remanescente dos habitantes judeus, inclusive os sábios, foi se estabelecer na planície costeira e na Galiléia, o som do hebraico falado cessou e os imigrantes foram aos poucos adotando o aramaico.

Os judeus, entretanto, através de todos os períodos do Exílio (70 E.C. a 1948), nunca deixaram de ler e escrever hebraico. Uma vasta literatura foi se acumulando nesses períodos, incluindo livros de sabedoria religiosa, filosofia, ciência, assim como de leve entretenimento, poesia religiosa e secular, peças teatrais.

livros de viagens e obras históricas. Houve mesmo países nos quais os judeus mantiveram a tradição de escrever suas cartas e documentos particulares em hebraico. Os judeus da Inglaterra medieval (séc. XII e XIII), por exemplo, registravam em hebraico até mesmo os títulos referentes a empréstimos feitos a não judeus.

Muitos falavam o hebraico esporadicamente. Há relatos sobre judeus de países distantes, que falavam hebraico quando se encontravam e não dominavam, em comum, nenhuma outra língua. Os judeus falavam hebraico nas feiras para não serem entendidos por seus clientes não judeus. Aos sábados, os homens pios falavam somente hebraico. Com tudo isso ninguém pensou em adotar o hebraico na linguagem cotidiana. Os judeus são o Povo do Livro; que importância poderia ter a conversação diária diante da língua do Livro?

Naquela época, na Idade Média, a língua ainda não era um atributo de nacionalidade, pois não existiam ainda nações na concepção atual do termo. Muito tempo depois de os povos da Europa terem iniciado suas lutas pela independência nacional e o direito de usar sua língua nacional nos assuntos públicos e governamentais, os judeus ainda não se consideravam uma nação como outras. Tinham começado a produzir uma literatura ocidentalizada moderna em hebraico, mas não aspiravam a funções oficiais para a "Língua de Eber", e tampouco lhe haviam definido um lugar em sua vida, além dos limites religiosos e literários.

No século XIX, o hebraico só era falado em Jerusalém e, em escala menor, no resto da Palestina. Ali encontravam-se judeus de diversas comunidades: os aschkenazitas de fala iídiche, os sefarditas de fala árabe ou espanhola, e, como os judeus da Idade Média, falavam hebraico entre si, pois esta era a única língua mais ou menos compreensível para todos. Visto que os sefarditas eram comerciantes e artesãos, os aschkenazitas acabaram adotando a pronúncia sefardita quan-

do falavam o hebraico nas transações comerciais. Ninguém pensava nela como língua nacional.

Em 1881, chegou à Palestina um jovem judeu lituano, que adotara o nome hebraico de Eliezer Ben-Yehuda. Ainda na Europa, tinha concebido a idéia da nacionalidade judaica, e o hebraico como sua língua oficial. Em 1879, publicou na revista trimestral *Haschahar*, de Viena, um artigo em hebraico denominado "Uma Questão Candente". Ali divulgava suas idéias revolucionárias. Ainda em Paris começou a falar hebraico. Encontrou judeus da Palestina e com eles aprendeu a pronúncia sefardita. Ao chegar à Palestina, procurou falar hebraico com todas as pessoas que encontrava, descobrindo que sabiam responder-lhe nessa língua.

Imediatamente após sua chegada, começou a proclamar dois novos princípios: o hebraico devia ser falado em casa, em família, e devia tornar-se a língua oficial nas escolas. Ele próprio colocou ambos em prática: ensinou durante um período, em hebraico, na escola da Alliance Israélite Universelle, de Jerusalém, e utilizou em casa somente o hebraico. Quando nasceu seu primogênito, empenhou-se em dar à criança o hebraico como sua primeira língua. Itamar-Ben-Avi, como foi chamado mais tarde o filho, foi assim a primeira criança a ter o hebraico como língua materna.

II — O DESENVOLVIMENTO DO HEBRAICO

Supõe-se, em geral, que o hebraico “morreu” após a destruição do Segundo Templo (ano 70 E.C.), passando a servir então, principalmente, como língua das orações; acredita-se também que, embora alguns livros tenham sido depois escritos em hebraico, a língua não sofreu acréscimos e permaneceu estagnada. Este ponto de vista é falho em vários aspectos. Primeiramente, apesar de ser verdadeiro que o hebraico deixou de ser falado, a atividade literária no período da diáspora foi imensa. O número de livros escritos neste período (70 E.C. a 1948) atinge dezenas de milhares, incluindo alguns volumes bastante alentados, e cada livro contribuiu com algo para o desenvolvimento da língua, ao tratar de diferentes temas e problemas. Em segundo lugar, é certamente errôneo supor que somente línguas faladas se desenvolvem e crescem. Ao contrário, mesmo nas línguas vivas o enriquecimento do vocabulário se dá, principalmente, na linguagem escrita. No caso do hebraico, dezenas de milhares de palavras foram criadas, no período da diáspora, para designar idéias, instituições e invenções surgidas naquele decurso de tempo. Além disto, muitas palavras novas foram criadas, sem qualquer razão externa aparente, já que, em todos os idiomas, palavras deixam de ser usadas e são substituídas por outras. O vocabulário criado no período da diáspora não foi até agora totalmente coletado, pois está disperso em grande número de livros, muitos dos quais existem só em manuscritos; somente o Dicionário Histórico, que está sendo atualmente preparado pela Academia da Língua Hebraica, poderá incluir todas essas riquezas.

Um dicionário do hebraico contemporâneo contém material formado de várias camadas lingüísticas superpostas. Em suas páginas, encontram-se palavras com mais de três mil anos, algumas criadas há apenas mil anos, e outras que penetraram na língua bem recentemente. Aparecem todas lado a lado, e em conjunto formam uma unidade: o vocabulário em uso em nossa geração. O atual falante hebraico não está consciente de que estas palavras são de diferentes períodos. Para ele são todas a mesma coisa, ou seja, todas são palavras hebraicas. No conjunto, não é possível reconhecer pela aparência externa se a palavra é antiga ou recente. Somente o estudo de livros escritos em diferentes períodos revelará quando determinado vocábulo começou a ter curso na língua. Há alguns dicionários que indicam, até certo ponto, a época em que uma palavra entrou em uso. Estes são o grande *Thesaurus* de Ben Yehuda, os dicionários de Y. Gur, de Y. Kenaani e a segunda edição de A. Even-Schoschan.

Nas cartas de *Tell-El-Amarna*, escritas na língua babilônica, antes da conquista israelita da Palestina, que contém algumas palavras da língua local, aprendemos que, no século XIV a.C., tais palavras já tinham o mesmo significado de hoje; navio, verão, pó, gracioso, muralha, gaiola, tijolo, falta, portão, campo, agente comercial, cavalo, imposto¹ e mais cerca de quinze outras palavras, que eram correntes na fala da Palestina. Estas são, portanto, as primeiras palavras hebraicas atestadas em documento escrito. Subentende-se naturalmente, que àquela época eram correntes também milhares de outras palavras dentre as quais, algumas encontradas na Bíblia, mas não mencionadas nas cartas de *Tell-El-Amarna*, por falta de oportunidade.

O mesmo se aplica à própria Bíblia. A Bíblia emprega cerca de 8.000 palavras hebraicas diferentes, (das quais 2.000 aparecem apenas uma vez), mas cer-

אני(ה), קיץ, עמר, חמור, חומה, כלוב, לבנה, מחסור, שער, שדה, סוכו, סוס, מס. 1)

tamente este não era o vocabulário completo disponível para o falante hebraico no período bíblico. Esse vocabulário atingia, sem dúvida, 30.000 ou mais vocábulos, mas os autores dos vários livros da Bíblia não tinham motivos para usar a maioria deles. A Bíblia trata de um número restrito de temas e não é uma enciclopédia. O número de palavras diferentes nas partes hebraicas na Mischná, Tosefta, nos Talmudes, e nos Midraschim, que denominamos em conjunto "Hebraico Mischnaico", é muito maior, porque a variedade de temas é maior. É bem viável que muitas das palavras existentes no Hebraico Mischnaico, eram usadas no período bíblico, mas não foram empregadas na Bíblia. Uma palavra encontrada nas cartas de Tell-El-Amarna, nos dá uma prova disso; é *masch-hezet* (mó).

Apesar de numericamente pobre, o vocabulário contido na literatura bíblica é de especial importância para o hebraico atual. Como é sobejamente sabido, nem todas as palavras de uma língua são usadas com igual frequência. Algumas são constantemente empregadas como homem, coisa, casa, fazer, falar; outras são usadas em ocasiões extremamente raras, embora a média dos que usam o hebraico como língua nativa esteja familiarizada com seu significado. A pesquisa científica demonstrou que, em qualquer língua, 1.000 palavras compõem cerca de 85% de todo o material de um texto médio. Entre essas 1.000 palavras mais frequentes em hebraico, 800 são da época bíblica. A lista dos 1.000 vocábulos mais usados, como ensinam os *Ulpanim* também inclui cerca de 800 palavras hebraicas bíblicas. Assim, a importância do vocabulário bíblico é desproporcional à sua participação numérica entre os 60.000 ou mais vocábulos que compõem o hebraico atual.

A análise de textos de jornal demonstrou que 60 a 70% das palavras usadas nos noticiários comuns são bíblicas, enquanto cerca de 20% são encontradas somente na literatura *mischnaica*, e a pequena percentagem restante é composta de termos de origem medieval e

inovações modernas. Uma recente pesquisa numa amostragem de 200.000 palavras correntes, selecionadas ao acaso em jornais e periódicos, demonstra que entre as palavras que ocorrem mais de cinco vezes (o que compõe quase metade do vocabulário inteiro encontrado em tais textos), as palavras bíblicas formam 61% das ocorrências². A diferença é devida à inclusão de artigos de fundo, comentários, etc., onde palavras recentemente criadas ocorrem em maior número.

Cerca de 14.000 palavras do dicionário hebraico provêm da linguagem *mischnaica*. Isto não constitui o número total de palavras usadas naquela época, pois o hebraico *mischnaico* tem mais de 6.000 palavras em comum com o hebraico bíblico. Assim, as fontes do hebraico *mischnaico* (Mischná, Tossefta, partes hebraicas do Talmude e Midraschim) usam um vocabulário total de cerca de 20.000 palavras.

A edição recente do dicionário de A. Even-Schochan, de acordo com a estimativa de seu autor, inclui 6.500 palavras de fontes medievais. Estas derivam principalmente do Piyut (poesia litúrgica), dos escritos judaicos medievais da Alemanha e França (principalmente dos comentários de Raschi), e das traduções feitas no sul da França nos séculos XII a XIV. Estas não são obviamente todas as palavras que foram criadas durante o longo período que decorreu entre o Talmude e o renascimento da língua hebraica. Este material está apenas parcialmente registrado.

Alguns milhares de palavras, de uso comum atualmente, foram tomados do aramaico talmúdico. O aramaico difere totalmente do hebraico na fonética, e na gramática mas o constante trato dos judeus com o Talmude Babilônico, e, mais tarde também com o Zohar, obra mística escrita em aramaico, levou à absorção de muitas palavras do aramaico, já na

2) Rifka Berezin: "As Origens Históricas do Vocabulário Hebraico Moderno", tese de Doutorado na Universidade de São Paulo, Brasil, 1972. A lista de freqüência na qual o trabalho se baseia é do Dr. Rafael Balgur.

Idade Média, com pequenas alterações formais, para lhes dar aparência de palavras hebraicas. Os estudiosos responsáveis pela ampliação do vocabulário técnico do hebraico, nos tempos modernos, têm continuado este processo e palavras desta origem têm passado para o hebraico constantemente.

O próprio Even Schoschan apresenta perto de 15.000 palavras criadas desde o renascimento da língua hebraica. Uma vez que este dicionário não contém termos puramente técnicos, das ciências naturais e da tecnologia, o número de palavras adicionadas nestes noventa anos é provavelmente muito maior, embora tenhamos que deduzir uma certa porcentagem de palavras que não obtiveram aceitação.

O hebraico, como outras línguas, cresceu por camadas, sendo que cada uma corresponde a um período da língua, e podemos encontrar fortes traços de todas elas na nossa atual linguagem falada e escrita. Não apenas o vocabulário foi acrescido, mas cada período também contribuiu com sua parcela de formas gramaticais e de estruturas sintáticas. Algumas das inovações dos vários períodos caíram em desuso, mas algumas das palavras e das características gramaticais que desapareceram foram subseqüentemente recuperadas, e algumas estão sendo revividas atualmente. No hebraico moderno, todos estes elementos estão sendo combinados numa nova unidade orgânica. O falante do hebraico em Israel não está consciente da diferente idade das palavras que usa, assim como poucos falantes do inglês têm consciência da origem histórica das palavras de sua língua e da época em que penetraram no inglês.

O interesse em esclarecer estas origens é histórico e intelectual e não influi sobre o modo como estas palavras e estruturas são usadas. Em Israel há autores de assuntos lingüísticos que acreditam que a origem de uma palavra deve influir em matéria de estilo, e, devido ao intenso estudo da Bíblia, e em alguns círculos, da Literatura Rabinica, a consciência da origem das

palavras torna-se mais viva em Israel do que na maioria dos outros países.

Nos capítulos seguintes será feita uma breve descrição dos períodos e dos fenômenos mais importantes da língua hebraica e uma tentativa de avaliar a contribuição de cada um deles para a formação do hebraico.

III — OS FUNDAMENTOS DA LÍNGUA HEBRAICA

A Lingüística divide as línguas em um certo número de famílias. Estas são grupos de línguas que se assemelham entre si, de modo que é possível presumir que as diversas línguas que compõem cada família desenvolveram-se a partir de uma única, falada num passado distante. Sabemos da existência, no presente e no passado, de aproximadamente 4.000 línguas. O número de famílias ultrapassa a centena. A pesquisa demonstrou, em diversas ocasiões, que famílias de línguas, que atualmente são consideradas como distintas, na realidade originaram-se de uma única família. É bem provável que parte destes “laços familiares” ainda estejam para ser descobertos. Certas ligações entre as famílias talvez nunca venham a ser descobertas, pois, quanto mais remota é a língua primeva, mais difícil é encontrar as conexões entre as línguas que dela se originaram. As línguas mudam constantemente, e as características comuns a uma família desaparecem gradativamente.

Nas últimas décadas constatou-se que a família à qual o hebraico pertence é muito numerosa e ampla. Ela é denominada atualmente camito-semítica, ou afro-asiática. No atual estágio de nosso conhecimento, esta família abrange os seguintes ramos, enumerados do leste para o oeste: as línguas semíticas da Ásia e da Etiópia; cerca de 100 línguas da Somália, Etiópia e do Sudão, denominadas de cuchítico; a antiga língua egípcia e sua sucessora, o copta; uma série de línguas intimamente ligadas que se estendem do Egito Ocidental até o Marrocos e o Saara Ocidental, e chamadas de berbere (exceto no Saara-Tuareg); e uma série

de línguas pertencentes ao ramo tchadiano na África Ocidental, sendo o haoussa a mais importante dentre elas, usada como língua comercial numa extensa área. A principal característica comum a todas estas línguas é a conjugação do verbo. Quase todas elas têm construções (*Binyanim*: formações causativas, reflexivas, etc.) como o hebraico, e também apresentam prefixos e sufixos semelhantes para as diferentes pessoas verbais. Muitas outras similaridades têm vindo à luz, assim como um certo acervo de palavras comuns. Assim, em haoussa, *mutu* significa “morrer”, como o hebraico *mut*, e *mutum*, significa “homem”, correspondendo à palavra hebraica *metim*: “homens”. Esta última palavra também ilustra a dificuldade de se demonstrar a relação, porque a palavra ocorre no hebraico bíblico só no plural, ao passo que no árabe, por exemplo, ela desapareceu.

Não sabemos quando e onde esta língua comum e ancestral — da qual todas estas outras derivaram — era falada: se era na Ásia ou na África, ou se os seus falantes eram de pele morena como os semitas e os antigos egípcios, ou escura, como a daqueles que presentemente falam o tchadiano, ou ainda se eram brancos como os berberes. Podemos presumir com um certo grau de certeza, que num determinado ponto, um grupo de pessoas que falava a língua primeva, separou-se do tronco comum das línguas semíticas que denominamos de proto-semítico. Seja como for, isso ocorreu antes do ano 3000 a.C. Outrora era amplamente aceito que os falantes do proto-semítico viviam na Península Arábica. Acreditava-se também que o árabe clássico, que encontramos em textos dos séculos VI e VII da E.C., era praticamente idêntico ao proto-semítico. Alguns estudiosos concordam ainda hoje com um ou ambos os pontos de vista, mas há sólidas bases para se pensar que a Península Arábica só foi habitada (exceto por esporádicas concentrações populacionais anteriores) na época da conquista de Canaã pelos israelitas. Sus-

tentam estes últimos que os falantes do árabe clássico eram descendentes das tribos que ainda podiam ser encontradas no século IX a.C. no deserto sírio, perto das fronteiras da Síria e da Palestina, e, que o árabe clássico e literário formou-se no período cristão através da fusão de vários dialetos anteriores. Quanto aos falantes do proto-semítico, não sabemos onde habitavam, e nem como seus descendentes chegaram aos países nos quais os encontramos, nos primórdios da história. Tampouco podemos afirmar que os falantes das línguas semíticas conhecidas são descendentes dos povos que falavam o proto-semítico. É possível que grupos relativamente pequenos, de migrantes ou de conquistadores, impuseram sua língua a populações que anteriormente falavam outros idiomas.

É costume dividir as línguas semíticas em cinco ramos, cada um centralizado em torno de uma importante língua da civilização. O mais antigo ramo documentado (terceiro milênio a.C.) é o chamado acádico, e compreende o babilônio e o assírio, existindo centenas de milhares de documentos e obras literárias preservadas em tábuas de argila em escrita cuneiforme. O ramo canaanita, cujo primeiro documento é datado de um pouco antes da metade do segundo milênio a.C., compreende, entre outras línguas, o hebraico. O terceiro ramo, o aramaico, aparece inicialmente em inscrições da Síria do século IX a.C., invadindo depois a área do acádico, o qual substituiu gradualmente como língua falada, e posteriormente como língua escrita (embora possamos encontrar alguns escritos acádicos mesmo no século I a.C.), sendo que, mais tarde, também baniu as línguas canaanitas. Vários dialetos aramaicos foram usados pelos judeus em diferentes épocas: o "aramaico oficial" no Egito Meridional no século V a.C.; o aramaico bíblico; o aramaico do Talmude Babilônico; o aramaico da Galiléia do Talmude Palestino; a língua do *Zohar* (Espanha, séc. XIII), e os vários tipos de aramaico falados atualmente pelos judeus do Curdistão

(Iraque setentrional) e do Azerbeidjã (noroeste da Pérsia), que também possuem uma literatura. A língua central do ramo aramaico é o siríaco (séc. II a III da E.C.) que possui uma rica literatura cristã. Quase igual a ele, em importância, é o mandaico, do Iraque meridional, que foi o veículo de uma literatura gnóstica. As mais antigas inscrições do quarto ramo, o árabe, datam, mais ou menos, da metade do primeiro milênio da E.C. e aparecem em áreas fronteiriças da Península Arábica. A língua culta, o árabe clássico foi, como já mencionamos, formada entre os anos 300 e 600 da E.C. Ela já possuía uma considerável literatura oral de grande perfeição artística quando as conquistas do Islã no século VII difundiram o seu uso pela área ocupada por todas as línguas semíticas anteriores, e o contato com as culturas grega e persa tornou-a uma das maiores línguas literárias e científicas da humanidade. O árabe literário permanece o mesmo desde o Oman até a Mauritânia, mas os dialetos falados variam grandemente, e poderiam mesmo ser considerados línguas à parte. Exceto pelo uso literário entre os judeus e em diálogos de algumas novelas, o árabe falado tornou-se uma língua escrita plena somente em Malta, onde é escrito em caracteres latinos. O árabe foi amplamente utilizado para fins literários pelos judeus. Na parte oriental do atual Iêmen e no atual Iêmen Meridional, aparecem inscrições em diversas línguas, coletivamente denominadas de árabe meridional, as quais são provavelmente um pouco anteriores às primeiras inscrições árabes. A maior parte delas é em sabaico — a língua da Rainha do Sabá — que sobreviveu até o ano 600 da E.C., aproximadamente, e em seus últimos estágios inclui algumas inscrições evidentemente feitas por judeus. Hoje, o árabe é falado naquelas áreas, ainda que traços de influência do árabe meridional possam ser encontrados nos dialetos locais. Um tipo diferente do árabe meridional foi preservado até hoje em algumas línguas não-literárias faladas na extremida-

de sul de Oman (Mehri, Schahari, etc.) e na Ilha de Socotra no Oceano Índico. O gueze, uma língua ligada ao árabe meridional, era escrito no norte da Etiópia (etíope clássico) a partir do século III, dando origem a uma vasta literatura tanto durante a sua existência como quando deixou de existir como língua falada. Nela estão preservados alguns dos escritos pseudepigráficos da Bíblia, e umas poucas obras sectárias judaicas usadas pelos falaschas. Atualmente há na Etiópia algumas línguas semíticas que descendem, em parte ou totalmente, do gueze, entre as quais o amárico que se distingue como a língua nacional da Etiópia e a única dentre elas a possuir uma literatura moderna.

Até recentemente, era geralmente aceito que cada um desses ramos fez parte, em algum momento, de uma língua comum, da qual as línguas e os dialetos, que compunham historicamente aquele ramo, evoluíram. Alguns estudiosos reconstituíram um quadro, que demonstrava como os falantes daquelas línguas originárias de seu respectivo ramo emigraram da Península Arábica em "levas", conforme a ordem acima exposta. Os diferentes ramos das línguas, naturalmente, remetiam ao proto-semítico, e assim, a totalidade das línguas semíticas era apresentada como uma "árvore genealógica". Neste quadro, o acádico formava o principal ramo, chamado de semítico oriental, enquanto que o canaanita e o aramaico eram reunidos num grupo chamado de semítico do noroeste, e o árabe, o árabe meridional e o etíope formavam o semítico meridional (ou do sudoeste). Este quadro do desenvolvimento das línguas semíticas foi, entretanto, questionado quando, mais recentemente, foram descobertas algumas línguas que não se enquadravam em nenhum dos ramos conhecidos. Estas eram o ugarítico (descoberto em 1929), na extremidade noroeste da área semítica, datado de cerca de 1500 a 1200 a.C., e o amorita, uma língua conhecida somente através dos nomes próprios de um povo que existia nos terceiro e no segundo milênio a.C. no

Iraque setentrional, na Síria e provavelmente também na Palestina, se é que eles são os mesmos amorreus da Bíblia. Até o momento, não surgiu nenhum outro modelo das relações entre as línguas semíticas, mas alguns estudiosos acreditam que alguns dos “ramos” que mencionamos podem ter surgido não pela diversificação de uma língua primeva, mas antes pela influência exercida por certos dialetos sobre outros que se encontravam na sua periferia.

O hebraico assemelha-se bastante — pelo menos na antiga escrita sem vogais — às línguas de seus vizinhos mais próximos: o fenício, situado a noroeste, e o moabita, a leste. Quanto ao vocabulário (mas não quanto à fonética ou à gramática), assemelha-se também ao aramaico, situado ao norte, e um pouco ao ugarítico mais distante. Existem aproximadamente 400 cartas escritas, nos séculos XIV e XIII a.C. na Palestina, Síria e Fenícia (atual Líbano), ao rei do Egito e aos seus representantes na Ásia, que foram encontradas por volta de 1890 em Tell-El-Amarna, ao norte do Egito. Sua preservação deve-se ao fato de terem sido escritas em língua babilônica em tabuletas de argila, visto que o babilônico, na época, fora uma espécie de língua internacional. Os escribas locais não dominavam perfeitamente o babilônico e incorriam em muitos erros que traíam a estrutura de sua língua materna e também acrescentavam diversas traduções de palavras para a sua própria língua, escrevendo-as em escrita cuneiforme, indicando todas as vogais. A partir destas formas e palavras aprendemos que a língua falada naquela época na Palestina era do mesmo tipo que o hebraico, ou melhor, que ela possuía algumas características encontradas apenas no hebraico e no fenício, e em nenhuma outra língua de que temos conhecimento.

O fato de que uma língua tão próxima ao hebraico era falada na Palestina nos séculos anteriores ao êxodo do Egito, desperta uma difícil questão. Os ancestrais da nação hebraica, os Patriarcas, vieram da Mesopo-

tâmia, onde eram faladas línguas muito diferentes do hebraico. Como, então, podemos explicar que os hebreus tenham se utilizado de uma língua tão próxima à dos canaanitas, cujas terras conquistaram? A única resposta possível parece ser a de que os hebreus modificaram a sua língua em algum estágio de sua história. É possível que o Livro do Gênesis tenha apontado para esta mudança de língua, ocorrida já no período dos Patriarcas, quando nos relata (31:47) a respeito da lápide que Jacó erige em recordação do seu pacto com Labão: “E Labão o chamou *Jegar Saaduta* (em aramaico) e Jacó o denominou Gal’ed” (em hebraico). Assim, somos informados de que passadas duas gerações, a família de Abraão usava uma língua diferente daquela de seus parentes que havia deixado na Mesopotâmia. Esta mudança precoce de língua também pode explicar o fato de que os nomes dos Patriarcas são diferentes daqueles que os israelitas adotaram no período bíblico, pois não encontramos na Bíblia ninguém chamado de Abraão, Isaac, Jacó, etc., exceto os Patriarcas. Por outro lado, não temos absoluta segurança de que a história realmente pretendia indicar que Jacó já falava uma língua diferente, e talvez o autor do Gênesis, embora tendo conhecimento de que a mudança ocorreu após a Conquista de Canaã, caracterizou Jacó através da língua de seus descendentes. Ainda que possamos sugerir uma data qualquer para a mudança de língua, esta questão continua sendo de difícil solução. Sabemos que nem os Patriarcas e nem os seus descendentes se mesclaram, no início, com os cananeus, ou seja, não se casavam com eles, e residiam separadamente, e que os israelitas se estabeleceram, na maioria, em regiões do país onde as antigas povoações dos cananeus eram escassas, como, por exemplo, os montes de Efraim.

Certos estudiosos expressaram a opinião de que os israelitas não falavam o canaanita puro, mas uma mistura do canaanita com sua língua original. Esta teoria

não pretende responder às nossas questões de ordem sociológica, mas explica certos traços gramaticais e léxicos da língua hebraica, tais como a existência de formas paralelas ou o desenvolvimento de certos sons proto-semíticos, de forma incoerente. A teoria que preconiza que o hebraico é uma língua mesclada não encontrou aceitação ampla entre os estudiosos. De fato, não podemos afirmar com precisão se o hebraico contém ou não elementos da língua que os hebreus falavam antes de entrar em Canaã, porque não sabemos como era essa língua. E tampouco nossa informação sobre o canaanita do período de Tell-El-Amarna é suficiente para afirmar seguramente a existência ou não de algum traço canaanita do período pré-israelita.

A Bíblia nos relata muitas vezes que na época da Conquista pelos israelitas, a Terra de Canaã não era habitada apenas pelo povo chamado cananeu, mas também por outras nações. Nem todos os nomes mencionados foram identificados com sucesso como unidades étnicas conhecidas de outras fontes, mas podemos dizer que alguns desses povos eram semitas, como os amorreus, ao passo que outros não eram semitas, como os hurritas e os hititas. Mais ou menos na mesma época em que os israelitas penetraram no país, vindos do leste, chegou ali, através do mar, um povo não semita, ou talvez um grupo composto de diversos povos, conhecido por nós como os filisteus. Os nomes de alguns dos remetentes das cartas de Tell-El-Amarna mostram que entre os dirigentes das cidades da Palestina havia tanto hurritas como membros de um outro povo que falava uma língua indo-européia, muito próxima do antigo sânscrito. Podemos então perguntar, se os israelitas adotaram uma nova língua, por que a língua adotada foi a canaanita e não um pouco da língua canaanita, um pouco da hurrita e um pouco do idioma filisteu, conforme a população dominante em cada um dos lugares onde os israelitas se estabeleceram? Por que o hebraico não é rico em palavras hurritas e filistéias, uma vez

que era uma língua cuja prontidão em aceitar palavras estrangeiras é provada pelo aparecimento de algumas centenas de empréstimos do babilônio em seu estágio mais antigo, verificado na Bíblia?

Podemos acrescentar uma outra pergunta: se os israelitas permaneceram no Egito durante, no mínimo, 190 anos, onde estão os rastros, na língua hebraica, deste longo contato com uma civilização altamente desenvolvida? Há cerca de 40 palavras no hebraico que parecem ter sido emprestadas do egípcio, mas estas são palavras que designam instituições egípcias típicas ou mercadorias e termos comerciais que atestam a existência de relações comerciais entre países adjacentes, mas não a convivência íntima por várias gerações¹.

Entretanto, o problema se estende também às próprias cartas de Tell-El-Amarna. Era de se esperar que cartas escritas em um país habitado, segundo a enumeração bíblica, por sete nações, deveriam mostrar traços das diferentes línguas de acordo com a população que habitava na cidade de onde cada carta era enviada. A língua do escriba deveria ser, em um caso o amorreu, em outro, o guirgaschita, e as 27 cartas de Jerusalém, escritas por um governante com nome hurrita, deveriam conter palavras hurritas, ou talvez jebusitas, já que Jerusalém era uma cidade jebusita. É certo que não sabemos nada a respeito do guirgaschita ou do jebusita, mas sabemos muito sobre o hurrita. Não obstante, as cartas de Puti-Hepa, rei de Jerusalém, contêm uma alta proporção de palavras traduzidas para o puro canaanita, como encontramos em cartas de outras partes da Palestina. Mais ainda, os traços de língua local encontrados em cartas da Palestina não são de modo algum sistematicamente diferentes dos tra-

1) A. S. Yehuda (1877-1951) alegou em 1929 que muitas frases do Pentateuco eram um reflexo do egípcio (em inglês: *The Accuracy of the Bible*, Nova York, 1935). Seus pontos de vista não foram aceitos pelos estudiosos, mas, mesmo sendo corretos, referem-se a características específicas do relato e não à influência egípcia na língua hebraica propriamente dita.

gos encontrados em cartas da Fenícia ou da Síria Central (a Terra de Amurru).

Assim, ficamos com a impressão de que a língua local canaanita, da qual encontramos evidência tão clara nas cartas de Tell-El-Amarna, não representa os dialetos locais, que, sem dúvida, diferiam entre si dentro do próprio canaanita, mas uma língua de prestígio literário conhecida em todas as cidades, e talvez cultivada principalmente pelos escribas. É provável que esta língua fosse baseada no dialeto das grandes cidades do comércio marítimo, Biblos, Tiro e Sidon. Se adotarmos esta visão da situação, torna-se mais fácil explicar o fato de que os israelitas foram influenciados por tal língua de prestígio. É bem possível que se tratava apenas de uma influência, e não de uma completa mudança de língua, e que os israelitas de fato só adotaram algumas de suas características marcantes. O fato de que as cartas de Tell-El-Amarna são escritas em babilônico mostra o quanto era conhecida e influente a língua babilônica naquele período, ao passo que nos tempos dos Juízes e dos primeiros reis de Israel, a influência babilônica e assíria estava em declínio. Assim, é bem provável que as primeiras palavras emprestadas pelo hebraico do acádico — muitas das quais são relacionadas a edificações de luxo — chegaram aos israelitas através do contato com os artífices que podiam ser encontrados nas grandes cidades. Este parece ser também, provavelmente, o modo pelo qual palavras hititas e egípcias penetraram no hebraico, pois as cidades fenícias mantinham um comércio ativo tanto com o Egito, ao sul, como com o império hitita, da Ásia Menor, que foi destruído antes da conquista israelita de Canaã².

Outro legado do estágio canaanita, que encontramos no hebraico, são as palavras indo-européias que men-

2) É possível, entretanto, que algumas palavras hititas tenham penetrado através dos reinos hititas posteriores (Lúvio) no norte da Síria, ou mesmo através dos "hititas" palestinos mencionados na Bíblia.

cionamos anteriormente. Seus portadores formavam provavelmente um pequeno grupo de soldados profissionais, principalmente lutadores de biga (carros de batalha romanos). Em hebraico encontramos cerca de cinco palavras que se originam certamente da linguagem destes mercenários e cerca de mais dez ou quinze que provavelmente são da mesma origem. Quase todas se referem a cavalos, carros e armas. É muito improvável que alguns membros daquele grupo tivessem representado um importante papel durante ou após a conquista israelita, e que estas palavras tenham passado diretamente de sua língua para o hebraico. Estas palavras devem ter penetrado na fala canaanita antes ou durante o período de Tell-El-Amarna, passando para o hebraico juntamente com outras palavras canaanitas. Entretanto, a natureza deste material, relacionado com as atividades de uma classe guerreira aristocrática, questiona a tese de que ele tenha sido transmitido aos hebreus através do contato com seus vizinhos camponeses. O conhecimento deste tipo de palavras requer contato com uma elite social.

Outro assunto que requer para a sua explicação a suposição de algum contato com círculos literários, é o aspecto lingüístico da poesia bíblica, no que se refere ao paralelismo. Esta é a chamada "rima de significado", pela qual as duas metades de uma linha da poesia expressam o mesmo pensamento com palavras diferentes, freqüentemente com sinônimos em posições correspondentes nas duas metades. O número de tais sinônimos em qualquer língua naturalmente é limitado e assim encontramos os mesmos pares de sinônimos sendo usados repetidamente na poesia bíblica. Os estudiosos descobriram que muitos destes mesmos pares de palavras também aparecem — parte deles com freqüência — na poesia ugarítica e alguns outros mesmo em inscrições aramaicas posteriores. Na verdade algumas palavras que formam estes pares, não são encontráveis na Bíblia exceto nos paralelismos; no entanto, consti-

tuem palavras de uso diário e freqüente em outras línguas, tais como *pa'al*, "fazer", em fenício e ugarítico *ba'al*, correspondendo em hebraico ao *'asah*; ou *hazah* "ver" em fenício, em ugarítico e aramaico (*hdy*), correspondendo em hebraico a *ra'ah*. A civilização ugarítica foi destruída antes da conquista israelita, assim é difícil admitir que as tabuletas ugaríticas, com cópias das canções épicas, tenham chegado às mãos dos poetas hebreus ou que eles as tivessem lido. Portanto, a explicação mais provável é que tais elementos estilísticos, chegaram ao conhecimento dos hebreus através da língua canaanita local ou através da poesia fenícia. Isso, entretanto, pressupõe contatos com pessoas instruídas, e não apenas com camponeses locais.

Alguns estudiosos acreditam que a língua original dos israelitas era o amorreu. A época dos Patriarcas coincidiu com o auge da presença amorita na Mesopotâmia. Por outro lado, os israelitas, de acordo com a Bíblia, não se consideravam aparentados com os amoritas, que encontraram na Transjordânia e na Palestina, e além do mais, odiavam-nos e se afastavam deles. Este dado não pode ser devidamente avaliado, uma vez que a identidade dos amoritas, os *Emori* da Bíblia, com os amoritas mesopotâmicos (*Amurru*) não foi suficientemente comprovada. É muito provável que os portadores de nomes amoritas não fossem o único grupo semítico ocidental que vivia entre os habitantes da Mesopotâmia na época de Abraão. Por outro lado, podemos admitir que Abraão e sua gente falavam uma língua semítica ocidental, se considerarmos a facilidade com que se comunicavam com os habitantes de Canaã adotando definitivamente uma parte ou a totalidade da língua destes últimos.

Tomamos conhecimento dos amoritas porque eles conseguiram fundar ou usurpar reinos tornando-se uma classe superior, mas podem ter existido grupos menos bem-sucedidos a respeito dos quais, ou, de cuja língua nada sabemos. Tomamos conhecimento da família de

Abraão por causa do brilhante desenvolvimento de seus descendentes em outro país (depois que mudaram a sua língua), mas o que saberíamos a respeito de Batuel ou de Labão se Isaac e Jacó não tivessem contraído matrimônio com mulheres daquelas paragens? Ao contrário dos reis e mercadores amoritas, Labão não empregou escribas para perpetuar o seu nome e seus feitos em tábuas de argila, e não ficamos sabendo que língua ele falava³.

Apesar de não termos meios de traçar atualmente o desenvolvimento da fala usada pelo grupo do qual os Patriarcas emergiram, podemos supor, com alguma segurança, que como qualquer outra tribo semítica, eles herdaram uma variada coleção de palavras do proto-semítico, e outras que foram criadas pelos seus ancestrais ou emprestadas de outros povos no decorrer de suas andanças. Não era de modo algum uma língua pura. Quando alguns destes falantes atingiram Canaã, encontraram ali outras línguas que também tinham passado por diversos processos e influências.

Do contato entre estes dois mundos lingüísticos complexos nasceu o hebraico. Podemos dizer que a causa imediata do surgimento do hebraico foi a vivência espiritual que Abraão trouxe de sua pátria distante para a terra de Canaã.

3) As palavras *Jegar Saaduta* que a Bíblia põe na boca de Labão são em aramaico, mas as formas pertencem a um estágio daquela língua que é muito posterior à época de Labão. Se o "arameu" afixado ao nome de Labão não se refere realmente ao mesmo povo que posteriormente é chamado de arameu, ele deve ter usado uma forma muito mais arcaica da língua, muito diferente do antigo aramaico que, como atualmente se supõe, evoluiu nas vizinhanças de Damasco por volta do ano 1000 a.C.

IV — O HEBRAICO BÍBLICO

A conquista israelita de Canaã resultou no estabelecimento das tribos, no lado ocidental do Jordão, em três grandes áreas: a Galiléia, a cadeia de montanhas chamada Monte Efraim, e a área montanhosa ao sul de Jerusalém chamada de Judéia. A planície costeira, que era mais densamente habitada, resistiu às tentativas das tribos hebraicas de ocupar os territórios que lhes foram alocados. Por causa de seus recursos, que eram inferiores, os israelitas tampouco conseguiram capturar as duas faixas de cidades fortificadas que ligavam a costa ao vale do Jordão: uma delas era o vale de Jezreel e a outra se situava no caminho de Jerusalém. Estas duas faixas de território canaanita separavam as três áreas israelitas e impediam a formação de uma unidade política e cultural. Em particular, notamos o isolamento da tribo de Judá. Sabemos muito pouco da sua história no período decorrido entre Caleb, logo após a conquista, e Davi. Os eventos relatados no livro dos Juizes, assim como os relatos sobre Samuel e Saul, dizem respeito apenas à história das tribos do norte do país.

As histórias do livro dos Juizes mostram que as tribos do norte também viviam separadamente, e apenas se uniam para atingir objetivos limitados, em épocas de perigo. Outro fator de ligação era o santuário de Schiló, onde os membros de todas as tribos se encontravam em ocasiões religiosas.

De acordo com o que sabemos de outros lugares sob circunstâncias similares, presume-se que cada tribo tinha um dialeto próprio e que talvez existissem também diferenças lingüísticas dentro das próprias áreas

tribais. Tomamos conhecimento de uma destas diferenças em Juizes 12:6, pelo fato de que as pessoas da tribo de Efraim podiam ser reconhecidas porque pronunciavam *sibbolet* ao invés de *schibbolet*, a forma usada pelos homens do Gilead e no hebraico bíblico em geral. Daí se conclui que eles pronunciavam todo som *sch* como *s*, como ocorre nos tempos modernos na pronúncia hebraica tradicional da Lituânia e do sul do Marrocos. Entretanto, como este fato ocorreu à beira de um rio, o significado da palavra *schibbolet*, citada no texto, provavelmente não era o de “espiga de milho”, mas o de “redemoinho”; e o uso da letra *sameh* indicando a pronúncia efraimita, pretende mostrar que eles conservavam o som proto-semítico como o *th* inglês, que em outros dialetos já se transformara em *sch*. Não havia razão para que a Bíblia nos relatasse outras peculiaridades tribais uma vez que estes fatos não tinham um papel importante nos eventos históricos.

Temos dois poemas da época dos Juizes: o Cântico de Débora em Juizes, 5, e a prece de Ana em Samuel I, 2:1-10. Os estudiosos da Bíblia os consideram parte de um grupo de poemas que também inclui a Bênção de Jacó (Gênesis, 49), o Cântico do Mar Vermelho (Êxodo, 15), os poemas da história de Balaão (Números, 24-25), o Canto de Deuteronômio, 32, e a Bênção de Moisés (Deuteronômio, 33); todos possuem uma linguagem similar à do Canto de Débora. Excetuando o Cântico de Débora, esses textos foram considerados, durante muito tempo, como elaborações posteriores, mas depois das pesquisas do falecido Prof. W. F. Albright e seus discípulos, é praxe aceitá-los como composições anteriores ao estabelecimento do Primeiro Templo. O Prof. M. D. Cassuto (1883-1951), que trabalhou em Florença e depois em Jerusalém, apresentou a tese de que estes poemas fazem parte de uma grande epopéia nacional que contava o Êxodo do Egito e as vitórias de Israel. Um exame dos vários poemas demonstra que estes não incorporam só a tradição de uma única tribo, mas a do povo

todo. Seu assunto é “o povo do Senhor” (Juizes 5:11, etc.) e onde as tribos são mencionadas pelo nome, isso sucede no momento em que atuam juntas para uma finalidade comum. É possível que a finalidade da epopéia fosse unificar as tribos para uma ação conjunta, talvez contra os filisteus. Por conseguinte, presume-se que a linguagem desses poemas também não era a linguagem de nenhuma das tribos, porém uma linguagem poética especial, diferente de todos os dialetos tribais, mas inteligível a todas igualmente, à semelhança do que encontramos em muitos povos no estágio da Cultura Oral. Tal língua seria naturalmente baseada nos dialetos das tribos que a usavam, ou seja, as tribos do norte e não a de Judá.

O fato de que a linguagem poética daquele período se origina do norte pode ser comprovado por certas características do Cântico de Débora. Em Juizes 5:11, lemos: “ali eles relatam (*yetannu*) os triunfos do Senhor”. A palavra que traduzimos por “relatam” equivale ao hebraico *schinnah*, ou seja “repetir”, “declamar”, mas a sua forma aramaica é *tinnah*, sendo que o nome aramaico da Mischná é *matnita*. No versículo 26 temos “esmagou-lhe (*mahaqah*) a cabeça, esmagou (*mahatzah*) e trespassou-lhe as tēmporas”. A primeira forma da palavra está de acordo com as normas do aramaico antigo, onde encontramos por exemplo *arga* correspondendo em hebraico a *eretz* “terra” (no aramaico mais tardio o verbo citado aparece como *meha*). Não devemos supor que estas palavras foram tomadas do aramaico. Ao contrário, em inscrições aramaicas datadas de séculos após o Cântico de Débora, encontramos o som proto-semítico *th* representado pela letra *sch* (não existindo nenhum outro sinal no alfabeto recebido dos cananeus para escrever este som), e como o falecido Prof. Y. Kutcher salientou em sua *História do Aramaico* (I, 1971), o Cântico de Débora é sem dúvida o mais antigo documento que mostra a mudança para o *t* tão típico do aramaico tardio. Outra característica do nor-

te é o aparecimento da partícula de ligação *sche**, também encontrada no fenício, no lugar da palavra *ascher* do hebraico bíblico. Estas são provavelmente genuínas formas locais que eram correntes entre algumas tribos israelitas do norte. Estamos diante do conhecido fenômeno da "isoglossa", isto é, dialetos ou línguas intimamente relacionados não, são separados por fronteiras bem marcadas que dividem as zonas cuja fala difere em todos os aspectos, mas cada uma das características, pelas quais as suas formas de fala diferem, têm o seu próprio limite. Assim, algumas características que estamos acostumados a atribuir a uma língua podem se estender para dentro do território da outra. Quando se passa do centro do território de uma língua para o território da outra (por exemplo, da França para a Itália) deve-se estar atento ao fato de que a fala que se escuta ao redor muda gradualmente de aldeia para aldeia, porém não é possível dizer o momento exato em que se passou a fronteira da língua, a menos que haja uma fronteira nacional. Destarte, certas características que associamos com o aramaico e o fenício eram também correntes em partes do território israelita. A linguagem poética, sendo supratribal, poderia adotar formas de diversos dialetos e até mesmo usá-las para efeitos estilísticos, assim como vimos suceder acima com as palavras que designam "esmagar". Não podemos dizer qual foi o principal dialeto sobre o qual a linguagem poética se baseou. Ao que parece não era o da cidade de Schiló, porque esta se situa na área da tribo de Efraim e como verificamos no texto, não encontramos nenhum exemplo da característica fonética representada pela troca de *sibbolet* por *schibbolet*. É provável, porém, que esta linguagem poética, sendo corrente, tenha sido usada pela classe sacerdotal de Schiló em seu contato com as pessoas de todas as tribos.

*) *Sche*, partícula de ligação: que. (N. da T.).

Ameaçadas pelos filisteus, as tribos atingiram um certo nível de união. O rei Saul fez muito para reforçar esta união das tribos do norte, e até mesmo conseguiu obter certa cooperação da tribo de Judá, principalmente levando Davi a se juntar a ele. Após a morte de Saul, Davi assumiu o poder sobre todas as tribos e procedeu à conquista de Jerusalém, eliminando assim a faixa de território canaanita que impedia a efetiva colaboração entre as tribos do norte e do sul. Davi povoou a cidade de Jerusalém com pessoas provenientes de todas as tribos. Organizou também um exército no qual serviam, lado a lado, membros de todas as tribos. Salomão construiu o Templo de Jerusalém e trouxe para o seu serviço sacerdotes e levitas de todo o país. O Templo atraía gente de toda parte nas peregrinações festivas e durante o resto do ano para sacrifícios individuais. Ao redor do Templo e da corte, surgiu uma intelectualidade, formada de escribas, sábios e profetas de diferentes tribos, a qual estava interessada em transmitir a sua mensagem de forma que esta pudesse atingir todas as tribos e ser entendida por todo o povo. Talvez o aspecto mais importante, do ponto de vista do desenvolvimento da língua, fosse o fato do Rei Salomão ter organizado um serviço civil que abrangia todo o país e com o qual todos entravam em contato, e, nos serviços braçais, homens de toda parte trabalhavam fora de sua área de residência, ao lado de pessoas provenientes de outros recantos do país.

Este regime, altamente centralizado, exigia uma língua unificada. A administração necessitava de uma língua falada e escrita que pudesse ser entendida, sem dificuldades, em todas as partes do reino, e a qual todo funcionário civil fosse capaz de aprender rapidamente, mas que, por outro lado, fosse suficientemente rica e flexível para expressar eficientemente o conjunto de novos conceitos relacionados com a complexa administração, com o trabalho braçal, a cobrança de impostos, o culto no Templo e o rápido florescimento do co-

mércio exterior, descrito em Reis I, 10. É provável que esta língua tenha sido criada inicialmente na capital pelo contato entre as pessoas de diferentes tribos, especialmente na corte, e é devido ao seu prestígio como língua da capital e da corte, ela tenha se difundido, levada pelos funcionários enviados para fora de Jerusalém. Depois que esta nova língua comum começou a ser usada em documentos oficiais, veio a ser empregada, naturalmente, pelos autores das crônicas reais, e não há dúvida de que os livros dos Reis que foram, em parte, baseados em extratos de tais crônicas, também refletem esta língua.

Esta língua, criada graças à unificação da nação sob o domínio de Davi e Salomão (cerca de 998-926 a.C.), é o hebraico clássico do período do Primeiro Templo. Podemos observar duas importantes características nesta língua: ela evitou o uso de formas que se assemelhavam ao aramaico (tais como o verbo *tinnah* que examinamos em relação ao Cântico de Débora), empregou constantemente a conjunção *ascher* e não usou o *sche* do período anterior. Ambas as características são traços típicos de línguas de povos que acabam de atingir sua unidade e independência. Como vimos anteriormente, quando línguas aparentadas predominam em regiões geograficamente próximas, não há entre elas fronteiras lingüísticas claras. Os dialetos de uma língua tornam-se cada vez mais semelhantes a outra língua na medida em que se aproximam das fronteiras entre os dois povos. A independência nacional nos casos em que estados adjacentes falam tais línguas próximas, que gradualmente penetram na área do estado recém-formado, tende a levar a um desejo de enfatizar os traços que diferenciam a “nossa” língua da dos vizinhos. Se certos dialetos possuem formas não encontradas na língua vizinha, e outras formas em comum com a última, ou, se ambas as formas são possíveis como alternativas, a preferência será dada à pronúncia, à forma gramatical ou à palavra que não é encontrada na outra

língua. Neste processo são especialmente valorizadas formas ou palavras de grande freqüência na fala ou na escrita, e que servem como sinais pelos quais a "nossa" língua é fácil e imediatamente identificada. A conjunção *ascher* desempenha esta função com perfeição por causa de sua freqüência, particularmente no estilo oficial onde são numerosas as orações subordinadas. É igualmente fácil aprender a usá-la corretamente, já que simplesmente substitui a partícula *sche* em todos os seus usos. A origem de *ascher* é desconhecida, e sua etimologia é um enigma. Aparentemente, foi usada no dialeto de Judá como podemos verificar pela frase *ascher le* usada para expressar o genitivo, a qual, fora do livro do Gênesis, aparece principalmente, em versículos referentes à Casa Real de Judá e ao Templo. O uso do *ascher* permite uma distinção clara entre o hebraico clássico e o fenício, que usava o *sch-*, o que não ocorre em relação ao moabita, onde o *ascher* também aparece. Da mesma maneira, a não utilização de formas que se assemelham ao aramaico no dialeto hebraico, era um recurso adequado para a individualização do hebraico. Aqui entrou em jogo um outro fator. Mais ou menos contemporâneo do Estado Israelita de Davi, surgiu o reino de Aram-Damasco, que parece ter sido o primeiro resultado do despertar do nacionalismo arameu assumindo uma posição política hostil à nova monarquia hebraica. Afirmou-se com alguma razão que era ali que se formara o "antigo aramaico" que, mais tarde, é usado na Síria. O que afirmamos com respeito ao mecanismo das "novas" línguas nacionais também ocorre aqui, isto é, que tendências similares de individualização também desempenharam o seu papel no estabelecimento dos padrões do aramaico monárquico, com um especial laivo de hostilidade contra o hebraico. Formas como *timah*, *mahaq*, etc., adquiriram assim o caráter de palavras remanescentes de uma língua inimiga, que não podiam ser corretamente usadas, principalmente no discurso oficial. Nas aldeias, tais palavras

continuaram, sem dúvida, a ser usadas como dantes, e da fala rústica elas passaram para a língua literária, como no caso de *natar*, “guardar campos”, em oposição ao hebraico *natzar*, “guardar”, “cuidar”. É interessante notar que a forma aramaica também permaneceu em uso na acepção de guardar rancor, em que a conexão semântica com o conceito de “guardar” (“cuidar”) não é tão óbvia.

A língua oficial usada pela burocracia real era, sem dúvida, um pouco seca, mas em breve adquiriu polimento literário sendo usada no Templo por sacerdotes afeitos à retórica e às ricas formulações da sabedoria tradicional. Aqueles que escreviam os textos para os cantores do Templo, embora mantivessem o caráter geral do hebraico clássico, foram influenciados pela tradição poética existente nos tempos pré-monárquicos (além da poesia do norte que já descrevemos, pode ter existido uma corrente poética independente na área de Judá). A plena incorporação da população canaanita no Estado salomônico, possibilitou aos poetas um acesso mais completo aos recursos que H. L. Guinsberg chamou de “patrimônio regular dos poetas canaanitas” e também desenvolver a sua própria habilidade de compor palavras pelo estudo de modelos existentes. De especial importância para o desenvolvimento do estilo hebraico, ao que parece, foi o fato da existência de um tipo de discurso público que usava as formas da poesia, especialmente o paralelismo, sendo que este estilo foi adotado pela maioria dos Profetas. A combinação de retórica e poesia, estimulada pelo calor do pensamento profético, transformou o hebraico clássico neste nobre veículo de expressão que encontramos nos discursos de Isaías e Jeremias.

É uma questão discutível até que ponto o hebraico do período da monarquia estava aberto para a introdução de empréstimos de outras línguas. Como vimos acima, é provável que a maioria dos empréstimos estrangeiros existentes no hebraico datam de contatos

antigos entre hebreus e cananeus; assim, no tempo de Davi, estes já se tornaram parte integrante da língua. Os Profetas, especialmente Isaías, tendiam a empregar palavras estrangeiras da língua do país sobre o qual versavam as suas profecias, mas estas eram recursos ornamentais e não há evidência de que estes vocábulos eram de uso comum na época. A questão mais discutida era se o hebraico anterior ao Exílio Babilônico continha palavras aramaicas. Atualmente os estudiosos sentem-se fortemente inclinados a usar de muita cautela ao atribuir a origem aramaica a palavras que aparecem nos textos da época da monarquia. Como já observamos, palavras aparentemente aramaicas poderiam também ser originárias dos dialetos hebraicos do norte, e, se a nossa teoria a respeito da tendência de se evitar o uso de formas de aparência aramaica é correta, a penetração de palavras verdadeiramente aramaicas na linguagem literária daquele período é improvável. Por outro lado, parece que os termos introduzidos pelo comércio exterior eram usados livremente, e assim temos palavras provenientes do sul da Índia como *ahalot* para designar um tipo de madeira usado para incenso e *tukkiyyim* para os pavões importados por Salomão, ou ainda palavras do sul da Arábia como *mor* (mirra) assim como *scharot* (caravanas) e *ma'arav* (mercadoria), usadas em Ezequiel 27. O aparecimento de palavras gregas era considerado outrora como sendo indício certo da origem tardia (fim do período do Segundo Templo) do texto no qual foram encontradas. Desde a descoberta, em Mycene, de textos comerciais gregos e outros escritos gregos grafados na escrita silábica "B linear", datados do século XV a.C., nada nos impede de admitir a possibilidade de existência de empréstimos do grego no canaanita pré-israelita. Durante o período da monarquia, navegantes gregos, sem dúvida, visitaram as praias da Palestina. Deles, a população israelita aprendeu não só os nomes de lugares distantes, mas também os de mercadorias e novas invenções. Se

a palavra *talpiyot* do Cântico dos Cânticos, 4:4 é realmente uma palavra grega (o que não sabemos com certeza), isto não nos impediria de situá-la até mesmo nos dias de Salomão, quando encontramos a palavra, indubitavelmente grega, *lischkah* “salão”, do grego *leschké*, “recinto público”, literalmente “recinto para conversar”.

Em Reis II 18:26 e Isaías 36:11, tomamos conhecimento de que esta língua oficial, do tempo da monarquia, era chamada *yehudit*, isto é, “judaica”. Podemos considerar esta designação uma evidência adicional para nossa tese de que o surgimento do hebraico clássico estava intimamente ligado aos eventos que levaram a tribo de Judá a se tornar parte integrante da entidade política israelita.

A unidade das tribos se desfez 70 anos depois, em 926 a.C. Novamente havia uma fronteira política entre as tribos, só que desta vez ela passava ao norte do território da tribo de Benjamim e as duas partes estavam em contato direto, sem que nenhum território estrangeiro as separasse. Os dois reinos, o de Judá e o de Israel, tomaram caminhos diferentes em matéria de religião, cultura e laços políticos. Contudo, parece que a língua nacional não foi afetada com o fim da unidade nacional. Na verdade, existem algumas indicações de que, ao menos em certos aspectos, o reino do norte se utilizava de uma linguagem hebraica um pouco diferente. Isto é ilustrado pela Ostraca Samaritana, uma coleção de fragmentos de cerâmica escritos a tinta, conforme o costume da época, os quais registram pagamentos feitos em vinho e azeite, ao tesouro real. Apesar de monótonas, estas inscrições exibem duas formas não encontradas na nossa Bíblia: *schatt* por *schenatt*, “o ano de” (como em fenício), e *yn* (sem dúvida pronunciada como *yén*) por *yayin* “vinho”; esta última palavra ainda não foi encontrada em inscrições fenícias e não é usada em aramaico, mas soletrada, corresponde à forma fenícia *bt*, pelo hebraico *bayit* “casa” (e no

aramaico antigo *byt*). Estas eram, provavelmente, formas provenientes da fala local dos arredores da cidade de Samária, e devemos considerá-las da mesma maneira como fizemos em relação às formas que pareciam aramaicas, isto é, como evidências do isoglossas que atravessaram o território israelita, onde parte da fala hebraica acompanhava o norte e parte o sul. É possível que os funcionários do Reino de Israel tenham insistido que em documentos oficiais desse tipo, fosse empregada a pronúncia local. Em contraposição, temos duas obras literárias pertencentes ao reino do norte: os livros de Amós e Oséias. Amós era nativo de Judá, mas é difícil crer que ele insistiria em se dirigir à audiência do reino do norte numa língua com a qual esta não estivesse acostumada. Oséias era do norte e usa palavras não encontráveis em outros livros bíblicos, parte das quais talvez fossem gíria pitoresca usada na Samária. Porém, o próprio Oséias nunca usa a conjunção *sche*, mas apenas *ascher*, e não utiliza nenhuma forma que se assemelhe ao aramaico. Devemos concluir então que o reino do norte continuava a empregar, ao menos para fins literários, o hebraico clássico da época de Davi e Salomão, mesmo que tenha adquirido alguma cor local. Exemplos da continuidade do uso de línguas-padrão, após a separação dos corpos políticos que as criaram, são freqüentes na história, como o inglês nos Estados Unidos, o espanhol na América do Sul, o alemão no Império Austríaco e o aramaico após a queda de Aram-Damasco.

O hebraico clássico foi usado durante 400 anos, até a destruição de Jerusalém em 586 a.C. É impossível que durante este longo período a língua falada não tivesse mudado, mesmo na própria cidade de Jerusalém. Mas a língua escrita conservou a mesma gramática e o mesmo vocabulário essencial, apenas o estilo mudou. Isso significa que o hebraico clássico era uma língua literária, transmitida através da educação, a qual serviu principalmente à elite social, embora fosse

compreendida pelo povo. Um fator que contribuiu para o conservadorismo da língua era o costume da época pelo qual cartas e livros não eram realmente escritos pelos seus autores, mas por escribas profissionais. Estes escribas tinham um interesse profissional em manter os padrões da língua tão rígidos quanto possível, pois quanto maior fosse a distância entre a língua falada e a escrita, mais importante seria a posição daqueles que soubessem manejar esta última corretamente.

Quando Nabucodonosor destruiu Jerusalém, transferiu os sacerdotes e os artesãos para a Babilônia, e deixou na Judéia somente "vinhateiros e lavradores" (Reis II, 25:12), ou seja, os aldeões. Assim, não ficou ninguém na Judéia para continuar a cultivar a clássica língua literária. O exílio durou 70 anos, o que significa que as pessoas nascidas no estrangeiro já poderiam ter netos. Durante esse período, os exilados aprenderam a falar a língua local. A língua falada na Babilônia, na época, era o aramaico sendo que a antiga língua babilônica (o acádio) era usada apenas na comunicação escrita. Quando Ciro, o Rei da Pérsia, conquistou o império babilônico, em 539 a.C., aboliu o uso do idioma babilônico em documentos oficiais e substituiu-o pelo aramaico, de escrita mais fácil, e os reis persas introduziram-no também em áreas de seu império que não haviam estado anteriormente sob o domínio babilônico. Conseqüentemente, o aramaico, que já era a língua mais difundida no Oriente Médio, tornou-se também a língua da comunicação escrita entre os diversos povos deste extenso império, que ia desde a Índia até a Núbia (Ester, 1:1). Foram descobertas na Índia inscrições em língua aramaica, tanto nas partes que estiveram sob o domínio persa, como no noroeste da Índia, estas últimas feitas pelo rei Aschoka, soberano de toda a Índia, que subiu ao trono em 272 a.C. Da Núbia, ao norte do atual Sudão, possuímos uma grande coleção de cartas e contratos pertencente a uma guarda militar judaica da cidade de Yeb (Elefantina),

próxima ao moderno Assuã, instalada ali pelos persas, perto da fronteira da Núbia. Todos esses documentos são em aramaico, embora tenha sido detectada pelos estudiosos a influência da fala hebraica sobre seus autores. Em face do grande prestígio de que gozava, não é de se admirar que os exilados que atenderam ao convite de Ciro de retornar à Judéia, tivessem trazido consigo o hábito de usar o aramaico tanto em assuntos particulares como públicos. É possível também que o uso do aramaico em assuntos públicos tenha sido exigido por eles, de modo a permitir o controle das autoridades persas. Assim, verificamos em Neemias, 8:8, que Esdras, o escriba, promoveu uma leitura pública do Pentateuco na praça junto ao Portão das Águas: "e eles leram no livro da Lei de Deus, interpretado, (*meforasch*), dando o sentido, e eles esclareceram desta maneira para que entendessem o que era lido". No mesmo capítulo é dito "eles esclareceram", com referência à explicação que os Levitas forneceram ao povo. O outro termo "interpretado", é explicado pelo Talmude Babilônico (Meguilá, 3A): "Interpretado significa traduzido", usando o termo "targum", que se refere à tradução aramaica da Bíblia. Chamou-se a atenção para o fato de que no Império Persa era usual que documentos escritos em aramaico fossem, em seguida, lidos numa espécie de tradução simultânea na língua do destinatário e também para uma palavra persa que tem o sentido de "interpretação", que se refere à leitura em persa de palavras escritas em aramaico nos textos persas que datam de 500 a.C. Se a explicação do termo é correta, podemos admitir que esta tradução era necessária para os exilados que acabavam de retornar, e que não podiam entender o hebraico da Bíblia, mas também é provável que a tradução para o aramaico tivesse a finalidade de dar à leitura o caráter de uma proclamação pública aos olhos das autoridades persas.

Em Neemias, 9, lemos sobre uma campanha para livrar a comunidade judaica dos elementos estrangei-

ros, e no decorrer desta narrativa (Neemias, 13:24) ficamos sabendo que isto também incluía uma ação contra a penetração das línguas estrangeiras, porque o resultado dos casamentos mistos era que “seus filhos, metade deles falavam aschdodita, e não sabiam falar judaico”. Note-se que nada foi dito sobre uma campanha contra o uso do aramaico, pois não estava relacionado com os casamentos mistos. De outra parte, a menção de “judaico” em contraste com o “aschdodita” denota claramente que o hebraico ainda era falado.

Contudo, certos estudiosos concluíram a partir da menção à tradução no livro de Neemias e de alguns outros indícios, que após o Exílio Babilônico, o hebraico deixou de ser falado totalmente. Eles alegam que as pessoas falavam aramaico e só usavam o hebraico para ler e escrever sobre assuntos religiosos. Poucos ainda mantêm este ponto de vista atualmente. É evidente que aqueles que viviam fora da Palestina falavam o aramaico nos países onde esta era a língua comum, e grego nas áreas e nas cidades onde o grego era falado. Até mesmo em algumas partes da Palestina, tais como a Galiléia e a Planície Costeira, onde faziam parte de uma população mista, os judeus falavam o aramaico e o grego. Tanto o aramaico como o grego também eram usados pelos judeus como língua escrita, não só fora da Palestina, mas também na Judéia e inclusive em assuntos religiosos, conforme verificamos pelos textos aramaicos encontrados entre os Rolos do Mar Morto e pelos fragmentos de uma tradução grega da Bíblia encontrada em cavernas próximas ao Mar Morto. Mas na Judéia é quase certo que o hebraico continuava a ser falado, sob uma nova forma (que discutiremos no próximo capítulo) e a ser usado amplamente na escrita no mesmo estilo clássico que fora usado antes do Exílio. Naturalmente, os israelitas da Judéia não consideravam a sua língua falada e o hebraico clássico como duas línguas distintas, mas reputavam o hebraico bíblico como a forma literária do idioma que falavam. Esta

forma literária era estudada em escolas (*beit midrasch*, Ben Sira, 52:23). Quem quer que escrevia algo, usava esta língua conforme o grau de sua instrução; alguns eram mais bem-sucedidos na imitação das antigas fontes, ao passo que outros cometiam erros em que transpareciam os hábitos da língua falada.

Com o passar do tempo, a influência da língua falada cresceu, resultando num estilo mesclado que combinava a gramática, a sintaxe e o vocabulário do hebraico bíblico e do falado. No Talmude e nos *midraschim* há algumas passagens que mostram que tal estilo foi usado em livros populares de histórias. Este também era o período durante o qual as pessoas começaram a rezar em sinagogas em todo o país, além das tradicionais orações dos sacerdotes no Templo de Jerusalém. Podemos avaliar o estilo destas orações pela linguagem usada, mais tarde, na oração farisaica, que é idêntica às partes mais antigas do livro de orações judaico usado atualmente. Trata-se também de um estilo mesclado, que é, antes de mais nada, uma combinação da sintaxe mischnaica com o vocabulário bíblico, incluindo muitas palavras bíblicas raras. Por outro lado, os autores dos Rolos do Mar Morto que, segundo a opinião predominante, são do século I a.C., empregavam um hebraico que é muito mais parecido com o da Bíblia e apresenta apenas poucos traços da língua falada. Esta busca de purismo não se deve a um treinamento lingüístico de alto nível, mas faz parte da auto-identificação daquele grupo com a geração do Êxodo do Egito e o desejo de imitar não somente os costumes religiosos desta geração, mas também o seu modo de falar. Isso foi obtido principalmente pelo amplo uso de fragmentos autênticos de versículos bíblicos e esta prática pode ter representado para eles um significado especial pela aplicação do conteúdo dos versículos originais a si próprios. Contudo, para a história da língua, o aspecto mais importante é que estes escritos eram compreendidos pelos membros da seita, de modo que havia um alto grau de preparo para entender o hebraico bíblico.

V — A LINGUAGEM DA MISCHNÁ

No capítulo anterior vimos como o hebraico falado influenciou, na época do Segundo Templo, a língua escrita. É de se supor que esta influência não era do agrado dos escribas e que eles, na verdade, tencionavam escrever o hebraico bíblico puro conforme este era escrito no período dos reis de Judá e de Israel. Mas as novas diretrizes do pensamento de sua época e o crescente distanciamento, entre a língua falada e os padrões do hebraico antigo, fizeram com que esta intenção não lograsse êxito. O único modo seguro de conservar o hebraico bíblico era através do emprego de versículos bíblicos. E, realmente a gente da época usou com freqüência os versículos na íntegra, ou com pequenas alterações, para expressar os seus pensamentos em seus escritos. Mas isso só era possível quando encontravam um versículo que expressasse adequadamente a sua idéia. Quando queriam exprimir idéias novas e não encontravam um modelo pronto, a língua falada, na qual pensavam, penetrava nos seus escritos. Assim, criou-se uma linguagem que conservou parte das características da língua usada na época do Primeiro Templo, mas com acréscimos e alterações, porém, talvez sem que aqueles que a empregavam tivessem consciência das transformações. Jamais lhes ocorreu escrever utilizando-se da língua falada. As pessoas não tendem a alterar os seus hábitos lingüísticos a não ser que ocorra alguma revolução social que eleve à posição de autoridades mandantes pessoas que não possuíam aqueles hábitos porque não pertenciam à classe letrada.

Uma mudança social deste tipo se deu com o povo judeu, ou pelo menos com aquela parte do povo que

vivia em Israel, e não na diáspora, com a ascensão da seita dos fariseus. Ao contrário dos saduceus, a seita dominante até a época do Rei Janeu, (103-76 a.C.) cujo poder se apoiava nos proprietários de terra e na camada superior dos sacerdotes, os fariseus eram o partido do povo, e muitos dos seus dirigentes provinham das camadas populares dos camponeses e artesãos. Ademais, eles preconizavam a difusão e o ensino da Lei para o povo através de debates com numerosos participantes, atividades que, obrigatoriamente, deveriam ser desenvolvidas na língua falada, já que só nesta língua sabiam se expressar livremente e só esta era entendida por todo o povo. Não obstante, isso não foi suficiente para transformar a língua falada em língua literária, pois, segundo muitos testemunhos, eram proibidas as anotações da Lei Oral e se tais anotações existiam estas eram pergaminhos de uso individual. Contudo, a intensa atividade especulativa desenvolveu rapidamente a capacidade de expressão da língua falada, e habituou as pessoas a formular nesta língua idéias que anteriormente se restringiam à língua escrita.

Um outro fator que contribuiu também para o aumento da importância da linguagem falada nos assuntos espirituais foi a penosa polêmica com um outro movimento popular, a seita do Mar Morto, ou do Deserto de Judá. Este movimento é denominado na literatura rabínica de herético (minim). Conforme atestam os Rolos do Mar Morto, esta seita usou a pura linguagem bíblica, não obstante o “rolo de cobre”, encontrado numa das cavernas da região ter sido inteiramente redigido na linguagem falada, o que comprova que eles a conheciam bem. Em seus escritos, os autores dos pergaminhos repreendem os fariseus, porque “falam ao Teu povo em linguagem vil” e “em linguagem gentia e outro idioma”¹, ou seja, em linguagem deselegante e que não está à altura, segundo o ponto de vista do

1) Meguilat Ha-Hodayot “Rolo dos Louvores”, 16-17, 18-19; veja C. Rabin, *Qumran Studies*, pág. 68.

autor, dos conteúdos sagrados. Esta linguagem “gentia” e “este outro idioma” era provavelmente a língua dos estudiosos da Lei, a linguagem na qual os sábios fariseus ministravam ao povo seus ensinamentos. A ira do escritor da seita talvez decorresse do seu conhecimento de que um dos fatores para a escolha desta linguagem falada para o ensino, devia-se ao fato de que os fariseus queriam afastar o povo de tudo que provinha daquela seita. A Mischná (*Meguilah* 4,9) conta como se identificava os hereges que atuavam como chantres nas orações: “Aquele que reza: ‘Que Te abençoem os bondosos’ — pois esta é a maneira dos hereges — e ‘até o ninho do pássaro atingirá a Tua misericórdia’, e ‘sobre o bem será lembrado o Teu Nome’, ‘agradecemos, agradecemos’, deve ser silenciado”. Os fariseus também proibiram a leitura dos livros apócrifos, muitos dos quais expressavam opiniões ortodoxas, mas visto que eram escritos em linguagem bíblica, davam ensejo ao aparecimento de complementações ao código sagrado. O uso da linguagem falada não só facilitou ao povo a compreensão dos ensinamentos dos fariseus, mas também os separou de forma inconfundível e imediata dos escritos heréticos, e ao mesmo tempo evitou o risco de que a audiência identificasse o que escutava com a Lei escrita.

O ensino dos sábios fariseus era ministrado sob a forma de pequenas palestras sobre particularidades das leis ou comentários de versículos, intermeados de relatos curtos que ilustravam a sua intenção. Com o decorrer do tempo, este material foi colhido e finalmente, no século II da E.C., deu-se início à organização de todo esse material sob duas formas. Uma era a exegese legal e interpretativa dos livros da Torá; a segunda era a compilação temática das leis. O primeiro sistema deu origem aos Comentários dos Tanaítas (“*Midraschei Hatanaïm*”) e do segundo originaram-se a Mischná e a Tossefta (Comentários Adicionais). A Mischná foi a compilação mais qualificada e nela se

baseiam tanto o Talmude Jerusalemita como o Talmude Babilônico. Por isso, o hebraico falado então recebeu o nome de “a linguagem da Mischná”. Na época, ele foi provavelmente chamado de “a língua dos sábios”, em oposição à “língua da Torá”, o hebraico bíblico (Talmude Babilônico, Hulin, 137B). Os referidos “sábios” eram, naturalmente, os eruditos fariseus, os mestres da Lei Oral; e, como atualmente os denominamos de “Hazal” (abreviatura de: “Hahameinu Zihronam Livrahá”, Nossos Sábios de Abençoada Memória) é costume chamar a sua linguagem de a “língua de Hazal”.

A pesquisa da gramática e do léxico da linguagem da Mischná começou somente no século XIX, porque até então os estudiosos da gramática hebraica apenas se ocupavam da linguagem bíblica, e somente poucos lexicógrafos coletaram o vocabulário da Mischná, e isso mesclado com o aramaico do Talmude. Consideravam a língua da Mischná inferior à linguagem bíblica, e as suas diferenças em relação à gramática da Bíblia eram consideradas como erros. Os copistas e os especialistas em vocalização corrigiam a Mischná segundo as regras da linguagem bíblica e os impressores deram continuidade a esta tendência, a ponto de obscurecer bastante a sua especificidade lingüística. Dois estudiosos israelenses, Hanoch Yalon e o Professor Yehezkel Kutcher tomaram a iniciativa de reconstituir a autêntica língua da Mischná a partir de antigos manuscritos, e somente agora podemos verificar o quanto esta linguagem diferia da linguagem bíblica.

Esta diferença ocorre, em parte, devido à evolução da língua falada desde os tempos bíblicos. Um exemplo desta evolução é a criação do tempo verbal “presente”, que foi acrescentado aos dois tempos bíblicos: passado e futuro. A forma do presente existia na linguagem bíblica sob a forma do particípio, no qual era possível expressar todos os tempos, ao passo que o presente era expresso às vezes pelo passado e às vezes pelo futuro. Visto que em outras línguas semíticas, como

por exemplo, o árabe literário, não existe uma forma específica para o presente, é claro que a linguagem da Mischná introduz uma inovação. Por outro lado, em outros aspectos, a linguagem da Mischná apresenta um estágio lingüístico mais primitivo que a linguagem bíblica. Por exemplo: a terceira pessoa do feminino singular dos verbos do grupo terminado em *h*; na linguagem bíblica e no hebraico atual é *astah, haytah*, enquanto que na Mischná é *assat e hayat*. A desinência *t* é a forma desta terceira pessoa em todas as demais línguas semíticas, em todos os grupos de verbos, e até mesmo na linguagem da Bíblia ela é conservada antes das desinências que indicam o objeto, como 'asstahu'' (ela fê-lo). Torna-se evidente que na época em que desapareceu o *t* no final desta construção, confundiu-se a diferença entre as terceiras pessoas do masculino e do feminino no tempo passado do grupo verbal terminado em *h*; assim a linguagem da Bíblia acrescentou a desinência indicadora da pessoa gramatical pela segunda vez, ao passo que a língua falada sempre havia conservado o *t*. Quanto à preservação de formas arcaicas, é necessário mencionar também os numerosos casos nos quais a língua da Mischná dispensa o *h*, indicativo do artigo, como em *yetzer ha-ra* ao invés de *ha-yetzer ha-ra*, *bait ze* ao invés de *ha-bait ha-ze*, e também a pouca freqüência do uso da partícula *et* antes do objeto direto.

A linguagem da Mischná contém muitas palavras aramaicas, e sua gramática tem diversos aspectos pelos quais ela se parece com o aramaico, ao contrário da linguagem bíblica. A partir disso, muitos pesquisadores concluíram que a influência do aramaico sobre a linguagem da Mischná foi grande e alguns até foram mais longe e alegaram que toda a língua da Mischná foi criada sob a influência do aramaico. Esta opinião era corrente seja entre aqueles que achavam que a língua da Mischná fora uma língua falada, seja entre aqueles que eram de opinião de que naquela época só

se falava o aramaico e que a língua da Mischná só era utilizada na escrita. A influência do aramaico não deve causar espanto pois sabe-se que parte da população judaica — principalmente na Galiléia — falava o aramaico na vida diária, e que a maioria da população não judaica também falava o aramaico, e por isso, mesmo o judeu que falava o hebraico, recorria ao aramaico como língua comercial. Sabe-se ainda que no início do Segundo Templo, quando, em nossa opinião, se formou a língua da Mischná, o aramaico era a língua da administração do Império Persa, que dominava a Terra de Israel, sendo que seu prestígio era grande e perdurou durante centenas de anos após a queda deste Império. Entretanto, parece que houve exagero na avaliação da influência aramaica. Não só o aramaico influenciou o hebraico, mas o hebraico por seu turno também influenciou o aramaico, e ambos apresentam evoluções comuns. Quando se encontra uma palavra que só existe nos dialetos aramaicos usados pelos judeus, e não no aramaico usado pelos não judeus, e também na linguagem da Mischná, existe a possibilidade de que esta seja uma palavra hebraica antiga (não documentada na Bíblia) ou renovada, que penetrou no aramaico; e já que em todas as culturas aramaicas há uma influência judaica que penetrou através do cristianismo ou através de outros movimentos religiosos judaicos, não se pode negar a possibilidade da existência de uma origem hebraica das palavras comuns a todos os dialetos aramaicos.

No debate que data de mais de 100 anos sobre a questão se na época do Primeiro Templo falava-se hebraico ou aramaico, dá-se especial importância às traduções da Bíblia para o aramaico que, como se sabe eram lidas na sinagoga paralelamente à leitura do Pentateuco e da porção semanal dos outros livros da Bíblia, por uma pessoa que ficava ao lado do leitor e traduzia oralmente cada versículo após sua leitura em hebraico (na leitura da porção semanal dos outros

livros da Bíblia, era permitido traduzir três versículos consecutivos). Supõe-se que a justificativa para estas traduções era que o público da sinagoga não entendia o hebraico bíblico, e, para que fosse cumprida a obrigação de ouvir a palavra divina, era necessário que esta fosse traduzida para uma língua compreensível para o público. Se examinarmos o Targum Onkelos ("Tradução de Onkelos"), atualmente impresso junto com o Pentateuco, e com o qual se cumpre o preceito da leitura de "dois da Bíblia e um do Targum" da porção semanal do Pentateuco, realmente esta hipótese se torna aceitável, pois o Targum Onkelos reflete de maneira bastante precisa a linguagem dos versículos, e apenas em algumas passagens o original é alterado por razões haláchicas. Mas, existem mais duas traduções do Pentateuco: o "Targum Ionatan" e o "Targum de Jerusalém", do qual conservaram-se apenas alguns fragmentos, e foi descoberta uma versão muito parecida com este último, o "Targum Neophyti", cujo manuscrito se encontra em Roma, na Biblioteca do Vaticano. Estas duas últimas traduções não se atêm apenas a refletir a linguagem dos versículos, mas a modificam e acrescentam, de modo que devem ser encaradas antes como exegeses do que traduções. Esta característica também distingue a tradução dos livros dos Profetas no "Targum Ionatan", ou seja, os livros dos quais foram extraídos os trechos de profecias lidos semanalmente. Quem conhece, por pouco que seja, o judaísmo rabínico e o seu respeito pelos livros sagrados, hesitará em crer que os sábios apresentaram tais textos como sendo traduções fiéis das palavras do Pentateuco e dos Profetas, principalmente porque o significado completo dessas traduções, às vezes, fica claro apenas pelo cotejo com as palavras do original. Portanto, atualmente, muitos estudiosos sustentam com estas traduções interpretativas são as mais antigas, ao passo que o "Targum Onkelos" é posterior.

Conforme o dito acima, as traduções aramaicas não constituem prova de que o povo não entendia o original hebraico. O motivo porque as interpretações eram fornecidas em aramaico deve-se, talvez, ao desejo de fazer a máxima distinção entre o original e sua exegese. É evidente que entre os judeus que não sabiam falar hebraico, como aqueles da Babilônia, a tradução se fazia muito necessária, o que não acontecia na Palestina.

Durante todo o período do segundo templo, grandes parcelas do povo judeu residiam na diáspora, e estas concentrações judaicas cresciam gradativamente até que, no fim deste período, o judaísmo residente em Israel constituía apenas uma pequena porcentagem do povo. Na Palestina, os falantes do hebraico se concentravam na Judéia, embora se saiba que os judeus da Galiléia e da Planície Costeira também conheciam um pouco de hebraico. Contudo, a sucessão de certos eventos banuiu, pouco a pouco, o hebraico. O Rei Janeu conquistou a Galiléia e Edom e obrigou os seus habitantes a adotar a religião judaica, e entre esses recém-convertidos houve muitos que galgaram posições, como Herodes e sua dinastia, que eram edomitas. Estes novos grupos por certo não se apressaram a substituir o aramaico que falavam pelo hebraico, mesmo quando vieram se estabelecer na Judéia e em Jerusalém, cujo quarteirão denominado "a Torre" (*Ha-Ofel*), era, quase que inteiramente, habitado por pessoas que falavam o aramaico, provenientes de todas as partes do país. A destruição do Templo, no ano 70, empobreceu a Judéia e fez com que os centros intelectuais fossem transferidos para a Planície Costeira, ou seja, para a região de fala aramaica. Bar Kohba já escreveu a maioria de suas cartas (encontradas em cavernas perto do Mar Morto) em aramaico, algumas em grego, e apenas duas entre as cartas descobertas, eram escritas em hebraico mischnaico. O fracasso de sua luta fez com que os judeus fossem proibidos de residir na Judéia, em outras palavras, causou a total destruição do centro onde

se falava hebraico, e o centro espiritual foi novamente transferido para a Galiléia. Tudo isso levou ao fim do uso do hebraico como língua falada na Terra de Israel, e conseqüentemente no seio do povo judeu, uma vez que a Palestina fora o último reduto da fala hebraica.

O ano 200 da E.C. foi adotado como a data que marca o fim da utilização do hebraico como língua falada. Um dos motivos para o estabelecimento desta data é a passagem talmúdica que relata que havia uma serva na casa de Rabi Yehuda Ha-Nassi (morreu em 217) que explicava aos sábios palavras hebraicas cujo significado eles já tinham esquecido. Outro motivo é que após a geração dos compiladores da Mischná, veio a geração dos amoraítas israelenses, e, segundo o Talmude Jerusalemita, os debates destes últimos realizavam-se em aramaico. Porém, é evidente que uma língua não deixa de ser falada num determinado ano. Nos últimos séculos deixaram de existir algumas línguas e foi possível constatar este processo. A redução do uso da língua é lenta: a cada geração menos pessoas a falam, e aqueles que ainda a falam, fazem-no em apenas uma parte do tempo, pois o número de interlocutores diminui paulatinamente. Existem aqueles que a falam apenas no seio da família, e há famílias em que os pais ainda falam a língua, e os filhos a entendem, mas falam com dificuldade e a contragosto, e respondem aos pais, ou aos avôs, em outro idioma. Contudo, mesmo quando quase não se ouve falar nesta língua, ainda existem lugares ou famílias que continuam a utilizá-la, às vezes durante gerações. Não se deve excluir a possibilidade de que no século IV da E. C. ainda houvesse famílias que falavam o hebraico e que uma parcela das pessoas que provinham da Judéia ainda entendessem o hebraico. Porém, no momento em que a maioria da população falava o aramaico e o grego, e que havia eruditos que não dominavam o hebraico, pode-se concluir que a língua deixou de ser falada. A esta altura, é extrema-

mente difícil reverter o processo, e se esta reversão é bem-sucedida, fala-se de um "renascimento".

O renascimento do hebraico não se deu nesse período, mas somente após 1700 anos. Contudo, a interrupção do uso do hebraico como língua falada não acarretou o seu desuso como língua escrita. Ao contrário, a atividade literária desenvolvida na língua mischnaica continuou em ritmo crescente. Depois do ano 200 da E.C. foram escritos muitos "midraschim" que continham material novo. O estilo se modificou e se adaptou ao gosto das épocas seguintes. Os últimos "midraschim" originais de que temos conhecimento, datam do século XI (*Midrasch Schemot Rabá*) e mesmo depois continuou-se a compilar volumosas coletâneas de interpretações, como o *Yalkut Schimoni* e o *Grande Midrasch* dos iemenitas. Do mesmo modo ocorreram alterações em versões de "midraschim" já existentes e muitas palavras e expressões foram renovadas. A linguagem dos "midraschim" absorveu uma grande quantidade de palavras gregas. Como já aconteceu no último estágio do hebraico bíblico (quando este deixou de ser falado), assim a linguagem da Mischná também gozou de um longo período de criatividade em sua fase final.

Portanto, a língua hebraica teve dois períodos de existência plena, falada e escrita, o da linguagem bíblica e o da linguagem mischnaica. Quem escrevia hebraico tinha diante de si dois modelos perfeitos que podia adotar, ou mesclar de diversas maneiras. A existência de dois períodos, com seus respectivos modelos, continuou sendo uma característica do hebraico até os dias de hoje, e pode-se dizer que a recorrência a estas duas formas de hebraico original continua sendo um dos principais problemas do desenvolvimento da língua hebraica. Em 1951, Aba Bendavid utilizou-se em seu livro *A Linguagem dos Sábios ou a Linguagem da Bíblia?* (*Leschon Ha-Mikrá o Leschon Hahamin*, pág. 193) de um versículo de Gênesis 25,22 "as crianças lutavam em seu ventre", para caracterizar este estado de coisas.

Outros estudiosos também denominaram as duas línguas modelares como “os elementos conflitantes” da renovação da língua hebraica em nossos tempos. Veremos adiante que esse “conflito” foi um dos fatores que possibilitaram a recriação do hebraico como língua moderna.

VI — O HEBRAICO NA DIÁSPORA

O hebraico deixou de ser falado por volta do ano 200 aproximadamente. A partir de 1881 o hebraico se tornou novamente uma língua falada pelo povo. Durante 1.700 anos a língua esteve no "exílio", assim como o povo judeu. A língua, tal como a nação, não pôde ter uma vida normal; entretanto, apesar de suas difíceis condições de vida, ela manteve a sua força e a sua vitalidade.

Durante todo este tempo, o hebraico continuou sendo a língua da oração e a língua na qual a Bíblia era lida. O judaísmo exige que cada homem judeu reze três vezes por dia, que leia semanalmente a porção correspondente do Pentateuco, duas vezes em hebraico e uma na tradução aramaica do "Targum Onkelos". Na Idade Média costumava-se também ler paralelamente algum comentário. Esperava-se que cada judeu estudasse a Lei, o que significava ler regularmente a Mischná, ou os Midraschim, ou, em caso de pessoas mais instruídas, o Talmude (que em sua maior parte é escrito em aramaico). Estes deveres religiosos fizeram com que praticamente todo judeu soubesse ler e escrever hebraico. A habilidade de ler e escrever era bastante rara entre as pessoas de outras nações na Idade Média, assim como até recentemente entre a maioria dos povos orientais, mas os judeus eram diferentes. Muitos judeus — em certas épocas até a maioria — eram incapazes de ler a língua do país onde viviam, mas todos sabiam ler o hebraico. Além do mais, uma considerável parte da população judaica sabia expressar os seus pensamentos em hebraico. Aqueles que eram dotados para a poesia, podiam escrever poemas em hebraico. Assim,

uma extensa literatura hebraica foi produzida na diáspora, que não era quantitativamente inferior à produção literária das outras nações daquela época. Esta literatura encontrou seus leitores no seio do público judeu, e os livros passavam de mão em mão e de país para país.

Nem tudo o que os judeus escreveram era em hebraico. Na época da Mischná, havia uma literatura greco-judaica e na Idade Média produziu-se uma considerável literatura judaica em árabe. Em séculos mais recentes, houve também literaturas judaicas nas línguas dos países nos quais os judeus viviam, particularmente em italiano e alemão, e ultimamente em inglês. Entretanto, pode-se estabelecer, como regra geral, que somente as obras que foram traduzidas ao hebraico perduraram através dos séculos e foram incorporadas ao patrimônio judaico.

A única exceção a esta regra é a língua aramaica. O aramaico é muito parecido com o hebraico, e uma pessoa que sabe hebraico pode, com um pequeno esforço, aprender a ler aramaico. Algumas partes dos livros bíblicos de Esdras e Daniel já foram escritas em aramaico, e a maior parte da Bíblia foi posteriormente traduzida para esta língua; estas traduções, os "Targumim", ainda são estudados pelo judaísmo tradicional. O Talmude de Jerusalém e o Babilônico, assim como o *Zohar*, a obra fundamental da Cabala, também são escritos em aramaico. Esta é a linguagem das preces populares, especialmente do Kaddisch, a tradicional oração dos mortos, e muitas orações e poemas religiosos foram escritos nesta língua até em períodos mais recentes, como por exemplo o *Yah Ribbon*, do Rabino Israel Najara (1542-1619), que está incluído entre os cânticos sabáticos. O aramaico é uma espécie de segunda língua dos judeus. Os livros escritos nesta língua nem por isso eram menos populares do que os escritos em hebraico. Entretanto, estas composições aramaicas medievais eram jogos literários (como o poema de Na-

java) ou eram obras redigidas em aramaico por razões especiais, como o *Zohar*. Normalmente os judeus escreviam em hebraico, mas freqüentemente mesclavam o hebraico com o aramaico talmúdico.

A posição do hebraico entre os judeus, na Idade Média, se parece com a do latim entre os cristãos da Europa Ocidental, o grego entre os cristãos orientais, o árabe clássico entre os muçulmanos, e o sânscrito na Índia durante a Idade Média. Cada uma destas línguas serviu quase que exclusivamente para todo tipo de atividades que utilizavam a escrita, mas não para a comunicação diária. Por outro lado, não era comum a língua falada ser usada na comunicação por escrito (exceto em alguns países, como a Inglaterra, onde a língua falada era escrita paralelamente à língua literária oficial). Assim entre os judeus também era comum escrever hebraico, mas, ao falarem, utilizavam diferentes línguas, de acordo com o país no qual viviam. Do mesmo modo como os não judeus consideravam natural este uso de duas línguas, e não tentavam introduzir o latim ou o árabe clássico na linguagem corriqueira ou familiar, os judeus da época também achavam suficientemente adequado escrever o hebraico, e não sentiam necessidade de fazer uso dele na vida diária. Eles falavam o hebraico, às vezes, aos sábados, ou quando não desejavam ser entendidos por gentios, ou ainda, para se comunicar com judeus de outros países; mas esta habilidade de falar hebraico ocasionalmente não os levou a nenhuma tentativa de falar hebraico sempre. A "Língua Sagrada" e a língua da vida diária eram conservadas separadamente.

Tal estado de coisas, em que duas línguas distintas são usadas simultaneamente para finalidades diferentes na vida de uma única e mesma sociedade, é chamado na pesquisa moderna de diglossia. Este fenômeno continua ainda muito difundido, e foi bastante estudado nos últimos anos.

VII — A LINGUAGEM DA POESIA

A língua hebraica continuou a ter uma literatura florescente ininterruptamente mesmo quando, por volta do ano 200, deixou de ser falada. O Professor H. Schirman, pesquisador da Universidade Hebraica, demonstrou, em 1953, que o tipo de poesia religiosa que denominamos *piyyut* (poesia litúrgica) surgiu no século III na Palestina. Anteriormente, supunha-se que os mais antigos *paytanim* (poetas litúrgicos) viveram muito mais tarde. O grande estudioso L. Zunz, que escreveu há cem anos dois livros sobre esta poesia — ainda tidos como dos mais importantes sobre o assunto — considerou-os mais tardios, datando-os do fim do século VIII supondo que seu principal centro fosse a Itália. Segundo a tese de Schirman, atualmente amplamente aceita, os primeiros grandes *paytanim*, Iossei ben Iossei, Ianai e Kalir eram contemporâneos dos últimos tanaítas, os sábios da Mischná¹.

Todos aqueles que rezam nas grandes festas judaicas (Ano Novo e Dia da Expição) pelo *Mahzor* aschkenazita (livro de orações destas festas), devem conhecer bem o *piyyut*, pois devem erguer-se e permanecer de pé diversas vezes enquanto o chantre e a congregação entoam um desses *piyyutim* em frente da Arca aberta. E aqueles que prestam atenção às orações em seu *Mahzor* devem ter se admirado do quanto é difícil a linguagem desses poemas. Realmente a dificuldade é dupla. Mesmo onde não há palavras difíceis, frequentemente não é fácil compreender os poemas por conte-

1) *Jewish Quarterly Review*, 44 (1953) 141, etc.; E. Fleischer, *Tarbiz* 40 (1970-71) 41, etc., data o *piyyut* mais antigo do século V, ou seja, ainda antes da conquista árabe.

rem numerosas alusões a passagens bíblicas e a interpretações midráschicas. Tomemos como exemplo um piyyut que quase não apresenta dificuldades lingüísticas:

טובים השנים כתובים משנים
כְּעֵדִים שְׁנַיִם מֵאֶחָד וְלֹא מֵשְׁנַיִם
יְדוּעַ כְּתָבָם הַמִּשָּׁה הַמְּשָׁה
לְאֶרֶשׁ הַמְּשִׁים בְּהַמְּשָׁה לְכָל יִמְשְׁלוּ בָּם הַמְּשָׁה

“As duas que foram escritas de dois (lados) são melhores,

como duas testemunhas são melhores do que um(a) que não é melhor do que dois:

é bem conhecido o seu escrito: cinco e mais cinco, para enlaçar os munidos com os cinco, para que os cinco não os dominem”.

Este piyyut é de Ianai, o segundo da série dos grandes poetas litúrgicos, e parece-nos algo extraído da sessão de charadas de algum jornal. Na verdade, nada é mais simples, se tivermos algumas coisas em mente:

1. Que as duas Tábuas da Lei foram escritas de ambos os lados, frente e verso (Êxodo 32:15); aqui se faz referência às Tábuas com as quais Moisés desceu do Monte Sinai.

2. Que no mesmo versículo elas são chamadas “Tábuas do Testemunho”, e que, por conseguinte, são tão boas, como duas testemunhas são melhores do que uma, pois pela lei judaica, o depoimento de uma só testemunha não constitui evidência.

3. A palavra Um tem nesse contexto um duplo sentido. Significa que as Tábuas vieram do Deus Uno e que elas são testemunho expresso de que Deus é Um, e que não há dois Deuses (um Deus bom e um Deus mau).

como acreditavam os membros das seitas do período da Mischná.

4. Segundo a opinião de Rabi Hananiah ben Gamliel e popularmente aceita (Talmude Jerusalemita, Schekalim, 5), cinco dos Dez Mandamentos foram escritos numa Tábua e cinco na outra, e o ponto alude a isso quando diz “cinco e mais cinco”.

5. Entretanto essa maneira de escrever os Mandamentos tem um sentido simbólico: *le'ares* enlaçar (unir para sempre, segundo Oséias 2:21) aqueles sobre os quais foi dito “eles saíram *hamuschim* (munidos) do Egito” (Êxodo 13:18, com os cinco Livros da Lei (Pentateuco). (O Midrasch discute os vários modos pelos quais a palavra *hamuschim* pode ter um sentido derivado de “hamischá” “cinco”, embora seu provável sentido seja “munidos”, “armados”.)

6. Em contraposição aos cinco Bons Livros da Lei, a Haggadá da Páscoa menciona cinco pragas enviadas contra os egípcios, pois Rabi Akiba diz: “Cada praga que Deus enviou contra os egípcios no Egito constitui-se de cinco pragas” (Mekhilta de Rabi Ischmael, Beschalach 5. e outras passagens), e, na crença popular, estas cinco “pragas” foram identificadas como cinco Anjos da Destruição.

Assim não devemos nos admirar de que, posteriormente, alguns historiadores judeus medievais pensassem que esses poemas litúrgicos foram escritos durante as perseguições religiosas dos imperadores bizantinos, quando era proibido ensinar a Lei Oral (Mischná e Talmude) mas era permitido orar, e que, por esta razão, os piyyutim introduziram matéria midráschica e haláhica (legal) nas orações, e assim os membros da congregação poderiam aprender a Lei Oral sub-repticiamente, apesar da proibição.

É certo que uma grande parte dos midraschim conhecidos está incorporada nos poemas litúrgicos, e

apenas uma pequena porção da *Halahá*. Se os mestres tivessem a patente intenção de ensinar a Lei através do *piyyut*, certamente teriam dado destaque à *Halahá*. Entretanto, o exemplo que examinamos prova que era necessário conhecer antes o conteúdo do midrasch para se poder entender o *piyyut* e não que o midrasch podia ser aprendido através do *piyyut*.

Porém, admitamos que a finalidade dos *paytanim* era ensinar o povo. Como o fariam? Certamente exprimiriam os seus ensinamentos num estilo fácil, rapidamente compreendido por todos, de modo que o conteúdo fosse captado. Não é este o caso. Além das intrincadas alusões, o *piyyut* emprega também, na maioria das vezes, um vocabulário difícil. Os *paytanim* apreciavam palavras bíblicas raras, empregavam palavras aramaiacas em seus poemas, e além do mais inventaram milhares de novos vocábulos. Faziam isso ora abreviando palavras existentes, como: *tefesch* de *tipschut*, “insensatez”; *bukh* de *mevukhah* “confusão”; *yof* de *yofi*, “beleza”; *ev* de *ta'avah*, “luxúria”; ora encompridando palavras, tais como *pahadon* de *pahad* “medo”, ou *miflal* de *tefillah* “oração”. Usavam da maior liberdade para criar verbos a partir de substantivos e outras palavras, por exemplo, *libé* “assemelhar a um leão” de *lavi*, “leão”; *hitrafsed* “tornar-se raso” de *rafsodah* “balsa”; *Bil'ed* “excetuar” de *bil'ade*, “exceto”. Eles também encurtaram verbos, por exemplo *bat* no lugar de *hibit* “olhou”; *gash* de *nigash*, “aproximou-se”. Há alguns *piyyutim*, especialmente entre os posteriores, que dão a impressão de terem sido escritos em alguma outra língua que não o hebraico.

Desde que esses *piyyutim* foram aprovados pelo público, celebrizando os seus autores, e se tornaram parte das orações até hoje, temos que admitir que o público da época apreciava estes malabarismos lingüísticos. Na verdade, poderíamos facilmente coletar inovações lingüísticas similares em igual número, nas obras dos poetas israelenses contemporâneos. Os *paytanim* cria-

ram novas palavras porque tinham a sensação de que a língua existente era insuficiente para expressar o que tinham a dizer, e que, somente rompendo as limitações da língua poderiam se expressar adequadamente em todos os aspectos, assim como os poetas modernos. As alusões herméticas aos midraschim podem ser comparadas com os herméticos e ousados símiles da poesia moderna.

Até agora esses tesouros foram muito pouco explorados para o enriquecimento do hebraico como língua viva. Entretanto poderíamos mencionar algumas palavras que vêm do *piyyut* e são de uso comum atualmente: *vetek*, agora “antigüidade”, “veteranice”, no *piyyut* “idade avançada” (de *vatik* “velho”); *nofesch* “recreação” (de *hinafesch* “tomar alento”); *ihel* “fazer votos”, “felicitar” (de *ahalay* “tomara que”); *bises* “estabelecer” (do subs. grego *basis*); *pi’anach*, “decifrar”, “solucionar”, do nome que os egípcios deram (Gênesis 41:45) a José, *Tzofnat Paaneah*. O Midrasch (Gênesis Rabba XC) explica esta interpretação, usando o método acima citado de encurtar verbos, afirmando que o nome é composto de três palavras hebraicas:

1. *Tzofnat* = *tzefunot* “coisas ocultas”
2. *pa’* = *hofia* “surgiu”, “lançou luz sobre” (as coisas ocultas)
3. *neah* = *heniah* “tranqüilizar” (a mente das pessoas).

Das duas palavras *pa’* e *neah*, do Midrasch, o poeta litúrgico criou um verbo. Naturalmente não temos mais consciência da origem midráschica complexa da palavra quando a usamos no hebraico moderno no sentido de “decifrar”.

A composição de *piyyutim* continuou igualmente fora da Palestina até o século XI. Os últimos *paytanim* sobrepujaram os primeiros em complexidade lingüística e uso de alusões. Um dos mais herméticos poetas foi Rabi Saadia Gaon. Ele nasceu no Egito por volta do

ano 880 e viveu na Palestina e na Babilônia (Irão). Neste último país foi o líder da academia rabínica de Sura, daí seu título de Gaon, uma abreviação de "líder da Ieschivá *Orgulho (Gaon) de Jacob*". Morreu em 942. Muitos de seus poemas litúrgicos foram incluídos em seu *Siddur*, que é uma das fontes mais importantes para a história da liturgia judaica. Mas além de poemas litúrgicos, Saadia também escreveu trabalhos em prosa e em prosa rimada (uma modalidade árabe) em hebraico bíblico quase puro. Ele próprio completou seus escritos não apenas com os sinais vocálicos, mas também com os sinais melódicos da Bíblia.

O motivo desta renovação reside na imitação de modelos literários árabes. Os árabes dominavam a região desde o ano 630, e eram extremamente orgulhosos de sua poesia e da pureza de sua língua, que cultivavam com afincamento. Para um árabe culto, a única língua que merecia ser chamada de bom árabe, era a língua dos beduínos do deserto da época anterior ao surgimento do islamismo. Acompanhando esse despertar da veneração da linguagem, os judeus também começaram a valorizar a sua própria língua antiga, o hebraico bíblico, como modelo para a produção artística. Antes de Saadia já houve algumas tentativas neste sentido mas foi ele quem demonstrou como o hebraico bíblico podia ser escrito, e foi ele quem compôs um dicionário e uma gramática para ajudar àqueles que se empenhavam em escrever nesta linguagem.

Pouco depois de Saadia, conseguiu-se também adaptar a complicada métrica árabe ao hebraico. Era uma tarefa difícil, porque a métrica árabe é baseada na diferença entre vogais longas e breves, ao passo que, na época, os judeus não podiam distinguir entre as vogais que antigamente haviam sido longas e as que eram breves. Era necessário usar o *schevá* móvel e o *hataf* como substitutos das vogais curtas árabes.

Na segunda metade do século X, a poesia metrificada à moda árabe e em hebraico bíblico se difundiu

em todas as comunidades judaicas dos países de fala árabe: Babilônia, Síria, Egito, Norte da África e especialmente na Espanha islâmica, que se tornou o principal centro desta nova poesia. O estilo destes poemas também foi adotado a partir do modelo poético árabe, assim como a temática: o vinho, o amor, a amizade e mesmo a caça e a guerra. Pela primeira vez, desde a época bíblica, o hebraico possuía novamente uma poesia secular. A princípio, os poemas religiosos continuaram sendo escritos no estilo do *piyyut* mas no decorrer do tempo o modelo árabe também penetrou nesse gênero, e poetas como Salomão Ibn Gabirol, Moisés Ibn Ezra e Judah Halevi sobressaíram tanto na poesia secular como na religiosa. Por fim, os poemas religiosos substituíram os *piyyutim* do *Mahzor* sefaradita; e o poeta Abraão Ibn Ezra falou com desdém a respeito da língua usada pelos *paytanim*, considerando as suas inúmeras inovações de vocabulário como questionáveis.

Os poetas hebreus da Espanha escreveram para um público de gosto altamente sofisticado, apesar de numericamente restrito. Os críticos literários e os gramáticos cuidavam zelosamente para que nenhum poeta violasse as regras da gramática bíblica. A fidelidade ao hebraico bíblico chegou a tal ponto que os poetas evitavam usar palavras em formas que não eram encontradas na Bíblia (por exemplo: a forma plural de um substantivo, se este só era encontrado na Bíblia no singular). A tendência a explorar os tesouros do hebraico bíblico e a manter absoluta fidelidade ao seu caráter, levou escritores de grande força poética e riqueza de idéias, a um profundo interesse pela língua hebraica, e à pesquisa dos seus aspectos eruditos e de suas inerentes possibilidades de expressão.

Ao mesmo tempo que a poesia hebraica bíblica, tão rica em formas de expressão, era desenvolvida na Espanha, a poesia litúrgica tornou-se, entre os judeus da Alemanha e da França, uma poesia popular que rejeitou a maioria das inovações léxicas dos *paytanim*.

e conseguiu, com simples e poucas palavras e rimas ingênuas, expressar sentimentos profundos. Raschi foi um poeta destacado e houve muitos outros além dele. A produção destes poetas aschkenazitas também encontrou o seu lugar no Mahzor aschkenazita. E para apreciar as suas qualidades basta ler o poema *Unetane Tokef* no Mahzor.

A linguagem destes poemas é o hebraico mischnaico, quase puro. Somente no século XIII é que os judeus franceses e alemães começaram a usar a métrica da poesia hebraica da Espanha.

VIII — A PROSA HEBRAICA MEDIEVAL

Aproximadamente na mesma época dos poetas litúrgicos, ou seja, no final do período em que foram compilados o Talmude da Babilônia e o Talmude Jerusalemita, o uso do hebraico como língua escrita viva, começa a se difundir pela Diáspora no Ocidente: Norte da África, Espanha, Itália, França e Alemanha. É de se supor que o espírito nacional que anima a poesia litúrgica (*Piyyut*) tenha conduzido à retomada do uso do idioma nacional. O desenvolvimento do comércio judaico na rota França-Itália-Egito-Índia, que alcançou seu ponto culminante na segunda metade do primeiro milênio da Era Cristã, também contribuiu para esse renascimento.

Este comércio contribuiu não só para elevar o nível de vida dos judeus e para lhes despertar o gosto pelas atividades culturais, mas também facilitou o transporte de notícias, livros e emissários das academias rabínicas através da diáspora.

O processo se estendeu durante vários séculos. A princípio, notamos o despertar do hebraico nos países próximos à Palestina, mas, no século VIII, este processo atingia comunidades judaicas mais distantes, ou seja, a Espanha e os países sucessores do Império Franco do Norte da França e o Ocidente da Alemanha. Precisamente estas duas áreas se converteram rapidamente em importantes centros de cultura judaica.

O hebraico que se difundiu entre os séculos V e IX era o idioma da Mischná e do *Piyyut*. A princípio, esta língua também se difundiu na Espanha, mas, ali ela foi logo substituída pelo hebraico bíblico “modernizado”, revivido pela obra de Rabi Saadia Gaon. Esta inovação

não atingiu a área do antigo Império Franco, porque, neste meio tempo, os contatos entre os judeus de Aschkenaz¹ e os do Oriente islâmico se tornaram difíceis. E assim durante mais de 200 anos (de 900 a 1150) as informações dos judeus da Europa Cristã acerca das conquistas culturais dos judeus dos países islâmicos eram fragmentárias e desatualizadas. A poesia com métrica árabe só penetrou em "Aschkenaz", duas gerações depois de Raschi; a gramática hebraica que foi criada na Espanha, só foi conhecida muito mais tarde, e o mais importante: os judeus do Norte da Europa só tiveram vagas notícias a respeito das ciências e da filosofia em que os judeus de fala árabe, tanto se destacaram.

O florescimento das ciências entre os judeus dos países muçulmanos estava intimamente relacionado com a aceitação do árabe como principal idioma escrito (tal como acontecia também com os cristãos dos mesmos países). Já nos tempos do Rabi Saadia Gaon (882-942), uma parte considerável da classe média judaica falava o árabe, e foi por causa deles que Rabi Saadia Gaon considerou necessário traduzir partes da Bíblia para o árabe. Esta tradução serve ainda aos judeus iemenitas, junto com a tradução aramaica. O idioma comercial entre os judeus, era o árabe escrito em caracteres hebraicos, tal como pode ser constatado em centenas de cartas comerciais conservadas na *Guenizá* (lugar onde se guardavam escritos hebraicos que não eram usados) da Grande Sinagoga Caraíta do Cairo. Seu domínio do árabe abriu para eles o tesouro da ciência grega que recentemente havia sido traduzido para o árabe, e eles próprios começaram a escrever sobre estes temas, e a usar a filosofia para reforçar a religião judaica, a começar por Rabi Saadia Gaon em seu livro "Crenças e Opiniões" e continuando com Mai-

1) Aschkenaz — Alemanha. Aschkenaz é o filho de Gomer em Gênesis 10:3. O Talmude Babilônico, Yomá 10.^a identifica Gomer como a Germânia; já que os francos eram descendentes dos germanos, o nome Aschkenz lhes foi aplicado.

mônides com seu "Guia dos Perplexos". Assim, os mesmos círculos judaicos que desenvolviam a poesia em estilo hebraico bíblico, não empregavam o hebraico na prosa. Por conseguinte tampouco sentiram a necessidade de desenvolver meios de expressão hebraicos, a fim de equipar a língua com os instrumentos necessários para lidar com as novas preocupações intelectuais daquela época. Ao contrário, a incapacidade do hebraico bíblico de expressar conceitos científicos, ou como costumavam dizer a "insuficiência da língua", lhes servia de pretexto para não abandonar o uso do árabe.

Ao mesmo tempo, quando no Norte da África e na Espanha surgiu a rica prosa judaica, escrita em árabe, os judeus de Aschkenaz criaram sua própria prosa literária, exclusivamente em língua hebraica. Esta literatura ocupou-se com a exegese bíblica (Raschi) e com questões de religião e ética e, por suas características, foi mais popular. Grande parte desta literatura ainda não foi impressa e somente recentemente tomamos conhecimento da amplitude do seu conteúdo.

A linguagem desta literatura era uma continuação da linguagem da Mischná e dos midraschim, com certa mistura de palavras do *Piyyut*, do Livro de Orações e da Bíblia. Esta linguagem está perfeitamente representada nos escritos de Raschi, artista do estilo e mago da expressão breve e precisa; mas a exemplificação mais típica desta linguagem se encontra no "Livro dos Hassidim", coletânea de relatos éticos compilados no sul da Alemanha, por volta do ano 1200. Neste livro, temos uma linguagem avessa ao refinamento gramatical, e muito influenciada pelo idioma alemão falado pelos judeus, mas que, ao mesmo tempo, tem grande força de expressão e até um certo encanto. Ela desperta em nós a impressão de um hebraico popular, cheio de vida que está em vias de se cristalizar numa língua totalmente nova, tal como estava acontecendo na época com todos os idiomas falados na Europa.

Apesar da falta de comunicação entre os judeus da Europa cristã e os judeus da Espanha, alguns contatos intelectuais estabeleceram-se por volta de 1100 como resultado da conquista de partes da Espanha pelas potências cristãs e do interesse dos estudiosos cristãos pelos tesouros da ciência, encerrados nos livros árabes da Península Ibérica.

Estes estudiosos traduziram as obras para o latim, ajudados por judeus que os interpretavam oralmente em espanhol, catalão ou provençal. Um destes tradutores judeus foi Abraham Bar Hayya Savasorda (“Chefe de Polícia”) de Barcelona, que aceitou ao pedido dos judeus do Sul da França e redigiu em hebraico alguns livros de matemática, filosofia e outros assuntos, e inclusive uma enciclopédia de ciências. Ele se utilizou do hebraico da Mischná no qual os judeus do sul da França costumavam escrever e não do hebraico usado na Espanha. Mas como era um falante do idioma árabe e estava acostumado a escrever árabe, esta influência transparece em seu estilo. Bar Hayya morreu antes de 1136. Seu contemporâneo, Abraham Ibn Ezra (1092-1167) percorreu toda a Europa e difundiu os conhecimentos de gramática, interpretação científica da Bíblia, filosofia e matemática redigindo-os em estilo elegante, mas também em hebraico mischnaico, a linguagem usada por seus leitores.

No ano de 1148 os judeus foram expulsos da Espanha muçulmana. Naquela ocasião a família de Maimônides partiu para o norte da África, assim como muitos outros. Mas muitos também emigraram para o sul da França. Ali os judeus locais receberam com entusiasmo os estudiosos que se encontravam entre eles, pois já se despertara entre eles o desejo de conhecer a ciência greco-árabe. Entre os espanhóis que emigraram surgiram tradutores que se incumbiram de traduzir livros inteiros para o hebraico. O primeiro foi Yehuda Ibn Tibbon, o “Pai dos Tradutores”; o primeiro livro traduzido por ele foi um tratado místico-filosófico *Os Deve-*

res dos Corações, de Bahya Ibn Paquda. Durante cerca de 250 anos, mais de 1.000 livros foram traduzidos por mais de 160 tradutores, até que por fim o leitor hebraico pôde dispor de maior quantidade de livros do que quaisquer outros povos da Europa.

No decorrer desta atividade de tradução, o hebraico mischnaico adquiriu um novo caráter. Os tradutores construíam suas frases seguindo cada vez mais o modelo da estrutura da frase árabe, explorando certas possibilidades da gramática hebraica, que já existiam anteriormente mas eram pouco empregados. Destarte, seu hebraico parece estranho embora apenas raramente ocorram desvios das normas gramaticais vigentes. Os tradutores criaram milhares de palavras, em parte pela necessidade de criar uma terminologia científica e em parte devido à imitação de formas do árabe. Com o tempo, os próprios autores que escreviam livros originais em hebraico, começaram a se apegar a este estilo, que hoje nos parece quase como uma língua estranha. Contudo, atualmente quem quiser estudar o pensamento de Judah Halevi ou de Maimônides, deverá se familiarizar com esta linguagem.

Graças às traduções, começaram a se difundir obras filosóficas originais em hebraico de autoria de judeus da Espanha e de outros lugares. Maimônides escreveu entre 1170 e 1180, no Egito, o seu grande código haláhico *Yad Hazaká*, em hebraico mischnaico, prefaciando a sua obra com um capítulo filosófico no qual se discerne claramente o estilo dos tradutores. Seu filho Abraham (1186-1237) ainda escreveu um grande tratado ético-filosófico em árabe. Entretanto, os pensadores que o sucederam, no sul da França e na Itália, como Jacob Anatoli (1194-1246), Levi ben Gerschom (1288-1344), Hasdai Crescas (1340-1410) e Yossef Albo (1380-1435) escreveram exclusivamente num hebraico totalmente influenciado pela linguagem das traduções.

Paralelamente a esse estilo hebraico, usado para fins científicos, os emigrados espanhóis, na França e na Itália, continuaram a escrever poesia e prosa artística em puro hebraico bíblico. O sucesso mais impressionante no uso virtuosístico do hebraico bíblico foi alcançado neste período por um escritor emigrante no sul da França, que traduziu o *Tahkemoni* de Judah al Harizi (1170-1230). Estes autores ganharam numerosos discípulos dentre os judeus locais que também começaram a escrever poesias com a métrica árabe e em hebraico bíblico e esse gênero chegou a ser difundido até mesmo na Alemanha.

Pela primeira vez desde que os judeus deixaram de falar o hebraico sucedeu que, na mesma comunidade judaica, se empregava simultaneamente dois tipos de hebraico: o hebraico mischnaico, para a prosa, e o hebraico bíblico, para a poesia. Esta prática se firmou e teve prosseguimento trazendo conseqüências importantes para a história da língua hebraica.

IX — O PERÍODO PRÉ-MODERNO

No capítulo “O Hebraico na Diáspora” comentamos a notável semelhança existente entre o uso do hebraico pelos judeus do período medieval, como língua escrita, e o uso das línguas clássicas, como línguas escritas e não faladas, por outros povos no mesmo período. Esta situação, característica da sociedade medieval, foi se alterando gradativamente entre os povos da Europa, a partir do século XIV. Os países foram abandonando paulatinamente o uso do latim introduzindo em seu lugar o idioma falado. Nesta ascensão à categoria de idioma escrito e oficial as línguas faladas foram sofrendo modificações: absorveram milhares de palavras latinas e inclusive a sua sintaxe sofreu a profunda influência da estrutura complexa da frase latina em prática na Idade Média. Este progresso da língua falada teve início no Ocidente, na Inglaterra e França, e daí se estendeu ao leste e ao sul da Europa até que no século XIX chegou também aos países balcânicos. Muitos indícios mostram que esta alteração nos hábitos lingüísticos estava intimamente ligada ao surgimento dos estados nacionais, ao começo do nacionalismo e ao advento da sociedade industrial moderna. Ademais, os países industrializados modernos necessitam de uma comunicação constante e eficiente com seus cidadãos, e a instrução é uma condição indispensável para a industrialização, o exército e a variegada burocracia governamental. Seja como for, surgiu na Europa uma estreita relação entre nacionalismo e língua, e o idioma nacional passou a ser o fator central na luta dos povos da Europa pela sua independência nacional.

É possível também assinalar as etapas do processo de fortalecimento dos idiomas nacionais, que se repe-

te em diversos países, em momentos diferentes. Uma dessas etapas é a grande irrupção de uma selvagem força criadora, uma espécie de barroco lingüístico, cujo exemplo mais destacado é o de Rabelais na França, no século XVI, e de uma forma menos radical, Shakespeare e seus contemporâneos na Inglaterra. Essa etapa é seguida pelo "classicismo" que se caracteriza por cuidadoso normativismo do vocabulário e das estruturas sintáticas.

Os judeus não tomaram parte nesta revolução lingüística por várias razões. Nos países onde este processo teve início, não havia judeus na época, já que eles haviam sido expulsos no século XIII. A grande maioria dos judeus viviam em países onde o nacionalismo e a idéia de um idioma nacional chegaram mais tarde. E quando isso se deu os judeus não puderam adotar a idéia do nacionalismo, pois constituíam uma minoria dispersa por toda a parte, sem esperança alguma de ter um estado próprio. E quanto à substituição do hebraico escrito pelas línguas faladas pelos judeus, isso teria causado perda da unidade do povo judeu, e, nos países da Europa Ocidental e Central, teria forçosamente levantado a vital barreira cultural que separava os judeus dos não-judeus, conduzindo à assimilação, como de fato ocorreu a partir do século XVIII com todos os grupos de judeus que deixaram de escrever hebraico e começaram a conduzir a sua vida cultural e religiosa no idioma do país onde viviam.

Na realidade os novos estados nacionais também colaboraram com as forças que trabalhavam em prol da autopreservação judaica, ao encerrar os seus judeus em guetos impedindo-lhes o acesso ao avanço da ciência e da cultura¹. Entretanto, assim como surgia de tempos em tempos um despertar do espírito nacional-messiânico entre os judeus (Iossef Hanassí, David Reubeni, o movimento de Sabetai Zvi) assim, houve tam-

1) Veja a descrição deste período no livro de Jacob Katz, *Tradition and Crisis: Jewish Society at the End of the Middle Ages*, (Chicago, 1961).

bém entre os judeus reflexos específicos da revolução lingüística, notadamente o surgimento de idiomas judaicos usados principalmente na comunicação oral e em certa medida também na escrita. Até o fim da Idade Média, quando migravam de um país a outro, os judeus continuavam falando, durante uma ou duas gerações, o idioma de seu antigo lugar de residência, mas depois adotavam a língua do novo país que os hospedava. A maioria dos judeus falava o idioma de seus vizinhos, mas num dialeto judaico um tanto diferente, que continha palavras hebraicas. Desta feita, a situação se alterou. Os judeus alemães que emigraram para a Europa Oriental, devido principalmente aos pogroms que acompanharam a Peste Negra (1348-1349), não começaram a falar o polonês, ou outro idioma usado no ambiente que os cercava, mas sua língua judaico-alemã evoluiu para uma língua distinta do alemão, o *yídiche*. Os próprios judeus da Alemanha começaram a afastar-se do idioma de seu meio ambiente e a desenvolver um novo dialeto que passou a ser denominado de "iídiche ocidental". Desde o advento da imprensa, foram impressos livros nesta língua (tanto na sua forma ocidental como na oriental), destinados principalmente às mulheres e às pessoas de menos instrução. Os exilados da Espanha tampouco adotaram o idioma turco ou o árabe, mas continuaram falando espanhol e este rapidamente se converteu em um idioma judeu distinto do castelhano da Espanha ou da América do Sul. Neste idioma também foram impressos numerosos livros. Visto que a literatura judaica escrita nestes dois idiomas era de cunho religioso e que seu nível cultural era elevado, não obstante o seu tom popular, deve-se considerá-la um fenômeno paralelo ao acontecido no mundo cristão onde os idiomas falados penetraram no campo da religião, da ciência e da administração². Entretanto

2) Uma espécie de terceiro idioma judaico surgiu no Norte da África onde os judeus escreviam a língua árabe falada, o que era incomum entre os muçulmanos. Por isto podemos falar de um idioma literário judaico próprio do Norte da África. Mas a língua falada, na qual se baseava este idioma literário, não era especificamente judaica.

a língua hebraica não retrocedeu diante dos idiomas judaicos — como o latim perante os novos dialetos falados e escritos — mas coexistiu, dando lugar a uma mútua fertilização.

O hebraico também passou pelas mesmas etapas de desenvolvimento que os outros idiomas atravessaram no seu trajeto para herdarem o lugar do latim. Nos séculos XVI e XVII o hebraico passou por um desenvolvimento, que à primeira vista, dá a impressão de decadência. Por um lado multiplicam-se as incorreções gramaticais e de sintaxe, a inexatidão no uso de expressões e uma mistura de hebraico e de aramaico talmúdico; por outro lado, uma rica variedade de expressões complexas e audaciosas alusões, que atestam uma surpreendente familiaridade com as fontes bíblicas e talmúdicas³. Em tempo mais recente, este estilo foi objeto de severas críticas por ignorar as regras gramaticais. Mas deve-se considerá-lo como a expressão de uma época efervescente e tumultuada, em que o desejo de rebuscar e usar de expedientes complexos conduziu à “violação das regras” da língua.

O estágio classicista alcançou o hebraico em duas versões; esta dualidade e esta diferença assinalam a mudança de valores que ocorreria logo depois no judaísmo. No século XVIII surgiu a literatura da *Haskalá* (Iluminismo)⁴, primeiro no Ocidente (Alemanha, Holanda, Itália) estendendo-se logo à Europa Oriental. A literatura da *Haskalá* se caracteriza no seu aspecto formal, pela adoção dos gêneros literários europeus (poesia no estilo ocidental, ensaio, drama e romance); quanto ao seu conteúdo, ela se caracteriza pela nostalgia pelo período bíblico, com sua antiga pureza e liberdade nacional, e quanto à linguagem, por uma rígida auto-

3) Não se deve esquecer que se trata da época do *pilpul* como método de estudo do Talmude, que se baseia no estudo intensivo da língua original e na utilização ousada das suas possibilidades de interpretação.

4) O termo “Iluminismo”, propriamente dito refere-se apenas à fase inicial que logo cedeu lugar a um movimento romântico mais importante, apesar de também ser incluída sob a rubrica de *Haskalá*.

restrição ao hebraico bíblico, e um cuidadoso zelo pelas regras gramaticais; evitando, tanto quanto possível, a criação de combinações de palavras que não figuram nas fontes judaicas. A imitação do Classicismo europeu é óbvia e os escritores da Haskalá tinham plena consciência dela.

De maneira geral, a literatura hassídica não é considerada como clássica, ao contrário, ela é vista como uma expressão natural do espírito popular. A literatura hassídica não apenas surgiu ao mesmo tempo que a da Haskalá, como também os relatos hassídicos não chegaram até nós sob a mesma forma como eram contados pelo Baal Schem Tov e seus seguidores, ou seja, em iídiche, mas em hebraico, e, é de se supor, que quando estes relatos foram transcritos para o hebraico (de memória) eles passaram por uma elaboração estilística. Ao contrário do modo de escrever dos séculos anteriores, os contos hassídicos são escritos num estilo contido que sugere mais do que explicita e numa linguagem que tem ritmo e equilíbrio. Podemos apreciar as características do estilo hassídico através da recriação genial de S. Y. Agnon⁵. Aqueles que conhecem a obra de Agnon admiram tanto a sua forma quanto o seu conteúdo. De fato, graças a Agnon e à sua influência sobre os jovens escritores de Israel, o estilo dos contos hassídicos tem, hoje em dia, o efeito de um verdadeiro modelo clássico. Tanto a literatura iluminista como a literatura hassídica voltam-se essencialmente para o passado; e na medida em que desejam encontrar soluções para os problemas do judeu de seu tempo, fazem-no dirigindo a sua visão para os valores do passado e da eternidade. Apesar de que, habitualmente, se costuma incluir a literatura da Haskalá (mas não a literatura hassídica, sua contemporânea) no âmbito da Li-

5) Esta é também uma das principais razões pelas quais traduzir Agnon é quase tão difícil como traduzir poesia. Assim, os relatos hassídicos são também muito difíceis de traduzir, e sua beleza recebeu o devido reconhecimento, apenas depois dos "Nachdichtungen" de Martin Buber.

teratura Hebraica Moderna, não se pode afirmar que esta literatura tenha dado um passo decisivo para se confrontar diretamente com a realidade e os problemas do presente. Até mesmo a linguagem destas duas literaturas continua sendo a linguagem do passado e não o "hebraico moderno", de cuja formação trataremos a seguir.

X — O RENASCIMENTO DA LÍNGUA

As causas do uso exclusivo da língua bíblica no período da Haskalá (Ilustração Judaica) resultaram de circunstâncias históricas, mas, iam de encontro às necessidades da época. Para as necessidades de comunicação, os judeus da Europa tinham o iídiche ou as línguas européias; o hebraico bíblico preencheu as necessidades emocionais do intelectual judeu. A beleza do hebraico bíblico proporcionava-lhe satisfação estética que lhe faltava em seu ambiente e que a literatura da Haskalá o havia ensinado a buscar. As numerosas regras gramaticais, asseguravam-lhé que os judeus também possuíam um idioma regido por normas e civilizado, pois o iídiche era considerado uma "língua sem gramática". O fato de que a fonte de sua língua era um livro que freqüentemente poderia ser interpretado de diversas maneiras, dava ao ilustrado judeu a oportunidade de pôr em prática a sua propensão à indagação minuciosa, tão característica do judeu desde a época medieval, ao mesmo tempo que lhe servia de substituto ao estudo do Talmude ou da Cabala. É importante destacar que a literatura da Haskalá não só colocou os alicerces do sionismo, através de seus temas bíblicos, que despertaram o anseio por uma existência livre e pela plenitude da vida nacional, mas também preparou o terreno para o renascimento do hebraico como linguagem diária, elaborando ao máximo os meios de expressão do hebraico bíblico e adaptando-os para transformá-los em veículos de pensamento da era moderna. Mas, foi precisamente o seu êxito na realização de ambas as tarefas que apressou o seu fim. Nem as suas formas, e os seus conteúdos literários, e tampouco

a sua linguagem puderam, no fim, satisfazer as necessidades que a Ilustração Judaica despertara nos seus leitores. Um dos êxitos do movimento iluminista judeu era o fato de que muitos judeus, embora conservando a sua fidelidade à fé judaica, adquiriram, simultaneamente, um vasto conhecimento do pensamento europeu de sua época. Assim, eles foram se habituando a formas de pensamento que os escritos da Haskalá, devido à escassez de recursos, não eram capazes de expressar.

É claro que a defasagem entre a linguagem da Haskalá e as exigências do pensamento moderno era maior no campo da discussão político-social, mas a escassez de recursos foi mais dramática, sem dúvida, no campo da ficção narrativa. Um dos resultados da revolução produzida nas idéias sociais e políticas da Europa era a exigência do realismo na ficção: a prosa devia apresentar a vida tal como ela era, e muito especialmente, os seus aspectos problemáticos e desagradáveis, assim como reproduzir fielmente a linguagem dos protagonistas. Quando em 1857-1860, Kalman Schulman traduziu o romance realista francês *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, empregou o mais puro hebraico bíblico para transmitir a fala dos habitantes do submundo parisiense, sem despertar aparentemente, nos seus leitores nenhuma reação de estranheza. Abraham Mapu publicou entre 1857 e 1864 o seu romance realista *Ait Tzavua* ("O Hipócrita") introduzindo nele uma certa dose de realismo lingüístico, sendo que as personagens dos obscurantistas que se opunham à Haskalá, falavam numa linguagem mesclada de elementos da Mischná e do Talmude. O que levou Mapu a fazer estas personagens falarem o hebraico da Mischná? Para ele, evidentemente, o idioma do Talmude tinha uma certa semelhança com o iídiche. Sabe-se que uma das características da Haskalá foi a sua oposição ao iídiche porque ela considerava esta língua um sintoma da lamentável situação dos judeus. Muitos ilustrados falavam (pelo menos em público), russo ou alemão, e esta praxe

se expressa no livro através dos protagonistas ilustrados, os *maskilim*, que falam o hebraico bíblico. Duas foram as razões que converteram a linguagem talmúdica em um sucedâneo do iídiche: o elemento hebraico no iídiche consiste principalmente de palavras hebraicas e aramaicas do Talmude e do Midrash, e estas palavras, quando inseridas num contexto moderno lembravam ao leitor o som do iídiche; e, uma vez que todas as gramáticas hebraicas da época tratavam da linguagem bíblica (exceto algumas obras científicas que não tinham difusão entre o grande público) o hebraico da Mischná era tido como uma "língua sem gramática", como o iídiche.

Ao contrário de Kalman Schulman e de Mapu, cujas raízes se situam no período romântico da Haskalá, Schalom Yaacov Abramovitch, mais conhecido pelo pseudônimo literário de *Mendele Moher Sefarim* (Mendele, o vendedor de livros) pertenceu integralmente à nova época. Entre seus livros se destacam traduções de textos de química (1862), de zoologia (*História Natural*, de Lenz, em três volumes, 1862-1872) e de história da Rússia (1867). Sua primeira novela *Estudem bem*, que era na verdade a primeira parte de seu grande romance *Pais e Filhos*, apareceu em 1862. Tratava-se de uma narrativa realista (segundo os conceitos da época), mas tanto a narrativa como a linguagem de seus protagonistas eram em hebraico bíblico, no qual misturavam-se apenas poucos elementos pós-bíblicos. O resultado não satisfez ao autor, que, aos 25 anos, já tinha seu gosto moldado pela época moderna, que exigia, acima de tudo, a verdade artística, e ele sentiu o absurdo que existia em personagens da área de confinamento dos judeus da Rússia, expressarem seus sentimentos modernos através de fragmentos de versículos dos livros dos profetas. Cabe assinalar que não foi o arcaísmo das formas lingüísticas que chocava as pessoas da segunda metade do século XIX (o hebraico vivo e falado ainda

não existia), mas o forte vínculo que a literatura da Haskalá estabelecia entre a linguagem bíblica e os personagens bíblicos. Abramovitch guardou a continuação de seu romance e não o publicou na íntegra a não ser depois do brilhante sucesso de sua tradução para o russo, realizada a partir do manuscrito hebraico completo por I. L. Binstock, e publicada em 1868. Neste mesmo ano apareceu em hebraico o livro *Pais e Filhos*. Mas essa publicação surgiu, na realidade, quando Abramovitch já havia desistido de escrever em hebraico.

Após um ano de silêncio, apareceu, na revista *Kol Mevasser*, o primeiro conto de Abramovitch em língua iídiche, *Dos Kleine Mentchele* ("O Pequeno Homenzinho"). O autor adotou o pseudônimo de *Mendele Moher Sefarim* (Mendele, o vendedor de livros) para se identificar com uma figura bem conhecida na área de confinamento dos judeus, o vendedor ambulante de livros religiosos que passava pelas aldeias com seu cavalo e sua carroça. No mesmo ano publicou um pequeno livro em iídiche, com completa vocalização, "O anel mágico", que era uma pretensa tradução do alemão. Durante os vinte anos que se seguiram, Mendele publicou muitos contos em iídiche, imprimindo um impulso a essa literatura que em pouco tempo deixou de ser uma literatura popular, destinada a pessoas sem instrução, transformando-se numa das grandes literaturas européias. Suas narrativas em iídiche são realistas, com um marcado tom satírico e sua linguagem reflete com fidelidade a linguagem da massa judaica embora artisticamente estilizada. Mendele não deixou de escrever hebraico, continuando a traduzir textos científicos e publicando artigos e cartas na imprensa hebraica. Só na sua prosa ficcional abandonou o hebraico e recorreu ao iídiche. Mas, apesar de seu brilhante êxito, não estava satisfeito com o abandono do hebraico. Em 1878 completou a publicação de uma de suas obras mais importantes em iídiche *As Viagens de Benjamin III*, e em seguida houve uma longa interrupção em sua criação

literária, devida em parte a dificuldades em sua vida particular, até que em 1884 publicou um drama em iídiche com o título *Der Priziv* (A convocação para o serviço militar). Um ano depois começou a publicar no novo diário hebraico *Hayom*, uma novela hebraica com o título *Besseter Raam* ("Ao abrigo do trovão") (Salmo 81:8).

A linguagem desta novela contrastava fortemente com a linguagem da Haskalá. Ao invés de reproduzir as características da língua de um determinado período, o autor se utilizou de uma mistura de elementos de diferentes períodos. Sua base é a linguagem bíblica, mas a esta são acrescentadas palavras, expressões e formas gramaticais da Mischná, do Talmude e dos Midraschim, tanto para expressar conceitos que faltam na linguagem da Bíblia, como para um maior enriquecimento estilístico e conotativo. Esta linguagem foi imediatamente adotada pelos seus contemporâneos. O próprio Mendele continuou escrevendo neste mesmo estilo hebraico, valendo-se dele também para as traduções de suas obras anteriormente escritas em iídiche. É verdade que ele não deixou de escrever em iídiche mas, a partir de então, suas principais obras foram escritas em hebraico. Estas obras constituem um corpo de alta qualidade literária e são consideradas por muitos como o verdadeiro início da moderna literatura hebraica. Em seguida outros começaram a empregar esta linguagem hebraica misturada e "sintética", não apenas na prosa, mas também na poesia (e Bialik foi o primeiro a fazê-lo). Salvo o orientalista Iossef Halevy, que vivia em Paris (1827-1917), e que encetou uma campanha ferrenha a fim de reviver o hebraico em bases puramente bíblicas, foi amplamente aceito o princípio de que a linguagem escrita em hebraico podia recorrer a materiais procedentes de todas as fontes. E este é o princípio no qual se baseia o hebraico de hoje, ainda que alguns filólogos (como Yossef Klausner, 1874-1958) preconizem que se deva dar maior importância aos elementos mischnaicos e que haja uma teoria

que considera que os elementos mischnaicos e bíblicos não devem ser colocados em estreito contato estrutural. Na prática, os diferentes elementos são combinados tanto na fala como na escrita de modo que não se pode separá-los. Atualmente não usamos a mesma combinação que caracterizou o estilo de Mendele, e tampouco a combinação dos elementos é a mesma em todos os casos, porém o fator comum a todos os estilos é a possibilidade de se escolher uma palavra ou uma forma, não porque ela se origina de um certo tipo de fonte literária, mas apenas devido ao fato dela ser adequada para expressar a idéia que se tem em mente. A incorporação do vocabulário da Mischná significou um substancial aumento dos meios de expressão: às, aproximadamente, 8.000 palavras bíblicas, acrescentou-se cerca de 14.000 palavras mischnaicas. Num estágio posterior esse conjunto foi acrescido de palavras de fontes medievais, do Piyyut e dos escritos hebraicos até o século XVIII. É importante notar, que no período em que havia uma fiel adesão à linguagem bíblica, não foram criadas palavras novas. Os novos conceitos eram expressos pela combinação de palavras bíblicas existentes. Presentemente estas restrições foram removidas e os usuários do hebraico voltaram ao hábito medieval de criar quaisquer palavras que fossem necessárias, a partir de raízes hebraicas e até mesmo aramaicas.

O próprio Mendele jamais se estendeu sobre as razões que o levaram a voltar a escrever a sua ficção em hebraico. Podemos arriscar a hipótese de que não foi apenas o arrependimento por ter abandonado a "língua de Eber", mas também a reviravolta na situação do judaísmo russo. Na época do Czar Alexandre (que reinou entre 1855-1881), certos direitos foram outorgados a homens de negócio judeus e a profissionais liberais, e havia uma forte esperança de que a situação jurídica dos judeus melhoraria paulatinamente. O assassinato desse Czar liberal elevou ao trono o seu filho Alexandre III, extremamente reacionário e hostil aos

judeus (1881-1894). Um mês após a sua subida ao trono, na Páscoa de 1881, eclodiram pogroms no sul da Rússia, com a provável anuência e encorajamento do governo; este encorajava a todo custo a emigração em massa dos judeus, que se iniciou em consequência dos pogroms e fez com que, com o decorrer dos anos, o centro do judaísmo mundial se transferisse para o continente americano, a Europa Ocidental e a África do Sul. Um dos resultados dessa conturbada situação foi uma acirrada discussão sobre o futuro dos judeus, levada a efeito, principalmente, em língua hebraica, que promoveu o aparecimento de novas publicações periódicas, e, em 1885, também o aparecimento, na Rússia, de dois jornais diários em hebraico. O primeiro conto hebraico de Mendele, quando do seu retorno à ficção hebraica, foi publicado num desses jornais hebraicos e não estaremos extrapolando se dissermos que esta foi uma das diversas manifestações do espírito nacional entre os judeus russos. O mesmo espírito levou alguns dos emigrantes, sobretudo jovens intelectuais, a se dirigirem para a Palestina (na época parte do Império Otomano). Esta gente estava imbuída de uma forte determinação de construir para si uma vida nova, diferente daquela que levavam na Rússia, e estavam dispostos a qualquer renovação que os afastasse da assimilação na Europa e que os aproximasse de uma existência cultural judaica autônoma.

Com estes jovens completamente desligados do seu *background* e do seu lar, havia a possibilidade — tão rara na história da humanidade — de começar uma existência nova. Este novo começo estava imbuído de uma aspiração por uma sociedade melhor (socialismo e ideologias correlatas) e das idéias européias de nacionalismo que haviam penetrado na Rússia somente na década de 70, como resultado da luta dos búlgaros pela sua independência.

O espírito do nacionalismo europeu foi a causa das mudanças revolucionárias na mentalidade de um jovem

judeu russo, até mesmo antes da reviravolta na situação do judaísmo russo. Eliezer Ben Yehuda (Perelman) nasceu em 1858 na pequena cidade de Luzhki no norte da Rússia, numa família ortodoxa. Enviado a uma academia de estudos religiosos (Yeschivá), foi expulso dela, conforme seus próprios relatos, pois foi descoberto lendo uma gramática hebraica de Schelomo Zelman Hanau (século XVII)! Assim tornou-se um *maskil* (ilustrado judeu) e se preparou para os exames para obter o diploma do colégio secundário de Dinaburgo, Letônia, onde manteve seu primeiro contato com as idéias nacionalistas. Em 1878 começou a estudar medicina em Paris, com o desejo de se preparar para a imigração à Palestina. Em Paris habitavam, então, numerosos exilados políticos do leste da Europa, e, em suas conversas com eles foi se esclarecendo em seu espírito a idéia do nacionalismo judaico. No início de 1879 expressou as suas idéias, de um modo claro e preciso, em um artigo que intitulou *Scheelá Lohatá* ("Uma Questão Candente"). Enviou-o ao *Maguid*, um dos periódicos mais difundidos na Rússia, mas o redator devolveu o manuscrito assinalando que não era digno de ser impresso. Eliezer Ben Yehuda remeteu então seu artigo a Peretz Smolenskin, redator de *Haschahar*, que era editado em Viena, em hebraico, mas destinado a leitores da Rússia. Smolenskin, mais esclarecido, aceitou o trabalho exigindo apenas a mudança do título por *Scheelá Nikhbadá* ("Uma Questão Importante") e formulando as suas reservas a respeito das opiniões de Ben Yehuda, numa nota. O artigo apareceu exatamente dois anos antes dos pogroms. Neste artigo, Ben Yehuda desenvolve a teoria do nacionalismo judaico (foi ele que criou o vocábulo em hebraico) e insiste na necessidade do estabelecimento, em grande escala, da população judaica na Palestina, mas não para salvar o povo e devolver-lhe a sua dignidade (parece que nem ele mesmo ousava dizê-lo explicitamente) mas, para salvar a literatura hebraica! Fiel às idéias do nacionalismo

européu, que considerava o idioma como o principal atributo de uma nação, Ben Yehuda argumentou contra aqueles que negavam a existência de uma nacionalidade judaica: "temos uma língua na qual podemos escrever o que quisermos e na qual podemos até falar se assim desejarmos". Após a realização de seu programa de colonização, "a Palestina será o centro de todo o povo, e aqueles que vivem no exterior também saberão que seu povo habita em seu próprio país, pois ali manterá seu próprio idioma e a sua própria literatura; e a língua também florescerá, em sua literatura surgirão muitos escritores, visto que ali a literatura poderá dar sustento a quem a exercer e se converterá numa profissão regularizada, como acontece com todos os povos".

Neste artigo foi expresso, pela primeira vez, o vínculo entre o renascimento nacional judaico e o falar hebraico. Com seu instinto são, Ben Yehuda percebeu que um povo moderno não podia ser bilíngüe, que não havia cabimento para o uso simultâneo de diferentes línguas nos diversos setores da sociedade, e que o povo judeu devia passar pelo mesmo processo que os povos da Europa sofreram alguns séculos antes, quando abandonaram o idioma latino e começaram a empregar a sua língua falada para os fins para os quais o latim servira anteriormente. Mas na atuação de Ben Yehuda havia algo muito particular. Até esse momento, todos os casos de coexistência de duas línguas em um mesmo povo terminaram com a ampliação do âmbito da língua falada que tomou o lugar da língua escrita, enquanto que neste caso específico o idioma escrito ampliou seu âmbito e conquistou também o terreno da fala. Essa diferença foi acarretada pela situação particular da nação judaica, já que, na época, a língua escrita constituía um fator de união, ao passo que as línguas faladas eram uma força divisória. Desde o momento em que se começa a pensar em uma solução nacional para o problema judaico, surge prontamente a necessidade de uma

língua comum, na qual será conduzida a vida no lar nacional comum. A grandeza de Ben Yehuda consiste em reconhecer que esse idioma deveria ser o hebraico, a língua que entesourava as memórias históricas do povo, a única língua com a qual concordariam todas as camadas do povo.

Esta sua idéia demorou a obter aceitação entre os dirigentes da nação. Quase todos os escritores hebraicos da época, e entre eles Mendele, rejeitaram a idéia do renascimento do hebraico como língua falada; no ano de 1895 Herzl escreveu em seu *O Estado Judeu* que o hebraico não poderia ser cogitado como a língua do novo Estado já que o povo não o dominava: “Quem de nós sabe bastante hebraico a ponto de valer-se dele para comprar uma passagem de trem?” E a Organização Sionista Mundial ignorou durante muitos anos o papel do hebraico como língua nacional. Mesmo aquele que haveria de se converter posteriormente no fiel colaborador de Ben Yehuda em Jerusalém, Iehiel Michel Pines, qualificou a idéia do renascimento do hebraico como língua falada como “um piedoso desejo”, uma esperança que não tinha chance de se realizar. Entretanto, Ben Yehuda começou imediatamente a pôr em prática a idéia em sua própria vida pessoal. Na introdução do seu grande dicionário, ele nos relata como falou hebraico pela primeira vez num café parisiense e quão estranha foi a sensação que experimentou quando “os sons insólitos dessa antiga língua oriental morta, se mesclaram com os tons alegres da viva, bela e rica língua francesa”... Seu interlocutor então talvez tenha sido M. Zundelman, um professor da Palestina, por quem Ben Yehuda soube que na Palestina se empregava o hebraico para realizar negócios no mercado entre pessoas das diferentes comunidades judaicas; dele Ben Yehuda soube também da pronúncia sefardita que estava em uso.

Quando Ben Yehuda chegou à Palestina em 1881, viu a possibilidade de falar hebraico, pois muitos sa-

biam empregá-lo para fins limitados. Mas Ben Yehuda exigia algo que era completamente diferente do hábito de falar hebraico ocasionalmente. Ele insistia que as pessoas falassem só o hebraico em casa, e no seio da família, ou seja, que se acabasse com a diglossia. Essa sua exigência se deparou com absoluta incompreensão por parte do público. De fato ele introduziu o hebraico como regime em sua casa: com sua esposa, com a qual se casou durante sua viagem da França para a Palestina — falava somente hebraico, embora seus conhecimentos da língua fossem bastante limitados na época; e quando nasceu seu filho, em 1882, educou-o em hebraico e somente em hebraico. Teve que proibir a mãe do menino de falar — (tinha uma ama que falava hebraico), e, I. M. Pines, seu amigo, o advertiu de que o menino ao crescer seria um completo idiota!

Não se realizou ainda nenhuma pesquisa para verificar em que medida o hábito de falar em hebraico ocasionalmente, favoreceu a gradativa aceitação do hebraico falado como meio de comunicação para todos os fins. Há razões para crer que esta transição ocorreu nas comunidades sefarditas. O pouco êxito obtido pelas exigências de Ben Yehuda é confirmada por diversas fontes, que relatam que, em 1902, vinte anos mais tarde, havia em Jerusalém somente dez famílias que falavam o hebraico em casa.

A idéia de Ben Yehuda, que finalmente trouxe o resultado almejado, foi a de introduzir o hebraico nas escolas como língua de instrução. O hebraico era, naturalmente estudado nas escolas da Palestina como língua literária, mas a instrução era feita na língua de cada comunidade, ou numa língua européia, e os textos hebraicos que eram estudados em classe eram traduzidos para estas línguas. O próprio Ben Yehuda começou a ensinar “hebraico em hebraico” na escola da Alliance Israélite Universelle, em Jerusalém. É certo que Nissim Behar já havia realizado uma experiência nesse sentido na mesma escola, mas não levado por

idéias nacionalistas. Ben Yehuda foi forçado, após um curto período, a abandonar o magistério devido ao seu delicado estado de saúde; e passou a se dedicar inteiramente à publicação de seu jornal, no qual continuou a difundir a sua idéia do hebraico como língua de ensino nas escolas.

Nesta época chegou ao país o grupo Bilu¹, que foi o grupo de elite da leva de imigrantes que se conhece pelo nome de *Primeira Aliá*, e que, ideologicamente era o grupo que tinha a mais clara consciência nacional. Ainda na Rússia, os seus integrantes haviam lido sobre a luta de Ben Yehuda e, através de uma carta, lhe informaram da sua adesão à idéia do renascimento da língua hebraica. Quando chegaram ao país, Ben Yehuda lhes deu as boas vindas num artigo que se intitulou *Cidadãos, não estrangeiros*. Eles adotaram a idéia da introdução do hebraico como língua falada e de instrução nas escolas. E quando foram estabelecidas as primeiras colônias, fizeram esforços para introduzir o hebraico nas escolas como língua de instrução. Já em 1890, todas as escolas das colônias da Galiléia ensinavam "hebraico em hebraico". As dificuldades foram muitas e não foi em todos os lugares que se conseguiu manter o hebraico como única língua de ensino, especialmente quando a comunidade dependia do apoio de organizações judaicas do exterior, que tendiam a introduzir, nas escolas por elas mantidas, a língua de seu respectivo país. Mas, de modo geral, a rede de escolas hebraicas estava se formando, sendo reforçada com a criação de jardins de infância (a partir de 1898) e escolas de nível médio. O Ginásio Herzlia de Tel Aviv foi fundado em 1906, e o Ginásio Hebraico de Jerusalém em 1908. É preciso lembrar que os primeiros professores de hebraico não tinham preparo profissional, não tinham livros de textos em hebraico, e além disto, deviam ensinar numa língua que eles próprios não dominavam perfeitamente, e que sofria da falta de muitos termos.

1) Abreviação hebraica de: "Casa de Jacó, ide e partamos" Isaías 2:5.

Esta falta de palavras se fez sentir notadamente no começo do período do renascimento. Enquanto o hebraico era uma espécie de requinte, o escritor podia se abster de mencionar aquilo que não sabia como designar, podia se valer de um circunlóquio ou recorrer à palavra estrangeira. Mas quem utilizava o hebraico como língua diária, necessitava da palavra hebraica, curta e exata para cada coisa. E à medida que o hebraico ia se firmando como idioma habitual dos alunos e dos professores, a necessidade de palavras também aumentava. Parte destas necessidades podiam ser supridas pela busca de palavras nas fontes, especialmente, o Talmude. Muitas palavras que antes deste período pareciam não ser relevantes, foram agora consideradas extremamente úteis, e com pequenas modificações de significado, puderam ser adaptadas ao uso dos falantes do hebraico na Palestina. O próprio Ben Ychuda se dedicou a esta tarefa, publicando em 1903 um pequeno dicionário, e a partir de 1908, começou a editar o seu grande dicionário, *Thesaurus Totius Hebraicitatis* ("Tesouro Completo da Língua Hebraica"), baseado na pesquisa de palavras de centenas de livros de todos os períodos da língua. Após a sua morte, o trabalho do dicionário foi levado adiante por M. Z. Segal, e sua maior parte foi executada por N. H. Tur-Sinai, até ser completado em 1958, chegando a abranger 16 volumes e quase 8.000 páginas. Este dicionário também está longe de esgotar tudo aquilo que pôde ser resgatado da literatura das antigas gerações para ter o seu uso renovado em nossa época. Os dicionários mais recentes têm acrescentado muitas palavras e a Academia da Língua Hebraica está empenhada na elaboração de um grande Dicionário Acadêmico, sob a direção de Z. Ben Hayyim, no qual, finalmente, será possível encontrar todas as palavras existentes no hebraico desde os tempos antigos. Entretanto há muitas novas invenções e conceitos para os quais dificilmente encontraremos um termo adequado na linguagem das fontes, e

nestes casos existiu e ainda existe a necessidade de criar novas palavras. Ben Yehuda foi um profícuo inventor de palavras, e muitas das palavras comumente usadas na nossa fala atual, como por exemplo, dicionário, jornal, relógio, moda, toalha, são criações dele².

Entre 1900 e 1910, casais de jovens que cursaram os colégios hebraicos, e para os quais o uso da língua hebraica era corrente e natural, começaram a contrair matrimônio. Então nasceram as primeiras crianças no seio de famílias que falavam somente o hebraico, e essas crianças foram educadas em hebraico, sem que para isso fosse feito nenhum esforço especial. Eles eram os primeiros judeus que, após 1700 anos, não conheciam outra língua que não fosse o hebraico.

E assim o hebraico se converteu novamente numa língua viva.

2) מילון, עיתון, שעון, אופנה, מגבח.

XI — A NOVA VIDA DA LÍNGUA HEBRAICA

No capítulo anterior vimos como o renascimento do hebraico como língua falada, que se iniciou a partir de uma base ideológica e se inspirou no nacionalismo europeu, foi posto em prática pelas escolas. A Segunda Aliá (1904-1915) trouxe da Europa Oriental gente jovem que estava imbuída dos ensinamentos do nacionalismo progressista. Com sua chegada, o hebraico passou a ocupar lugar cada vez mais importante na vida pública e na vida diária da parte judaica da Palestina. A vida cultural das diferentes comunidades judaicas continuava, de modo geral, igual à de seus países de origem. Na atividade econômica, também, ainda não ocorrera a grande revolução que levaria à mudança da estrutura social que diferenciaria a comunidade israelense das comunidades judaicas da diáspora. Excetuando o sentimento de ter concretizado o destino nacional, que naquela época ainda não havia assumido padrões políticos claros, a principal característica da comunidade judaica da Palestina era a fala hebraica, seja como uma realidade parcialmente concretizada, ou como um ideal a ser realizado num futuro próximo. Quando entre 1916-1918, a Organização Sionista realizou um recenseamento da população judaica da Palestina, 34.000 pessoas, ou seja, 40% das 85.000 pessoas que então constituíam o judaísmo palestino, indicaram que o hebraico era seu idioma principal. Esta importante conquista torna-se ainda mais significativa se mencionarmos certos detalhes: entre os mais jovens a porcentagem era de 50% e entre os jovens de Tel Aviv e das colônias agrícolas (onde os novos elementos estavam concen-

trados), ela era de 75%¹. Estes números não incluem Jerusalém (onde a questão sobre a língua não fora apresentada) e tampouco os imigrantes que tinham deixado a Palestina no início da guerra, a maioria dos quais, sem dúvida, falava hebraico.

No decorrer deste período a escola continuou sendo o foco do renascimento do hebraico e palco da primeira disputa nacional desta comunidade: a “Guerra das Línguas”. Uma organização filantrópica judaico-alemã que visava o desenvolvimento de judeus em países atrasados, a “Hilfsverein der Deutschen Juden” (então conhecida na Palestina como a “Ezra”) vinha mantendo escolas em algumas cidades da Palestina, inclusive uma escola para treinamento de professores em Jerusalém. A língua de ensino destas escolas era o hebraico, mas, como em outras instituições deste tipo, a “Hilfsverein” considerava como sua tarefa o ensino e a divulgação de uma língua da cultura e da civilização européia, no caso o alemão. A inclusão constante do alemão no currículo despertou oposição, particularmente entre os estudantes da escola de treinamento de professores. A tensão atingiu o seu auge em 1913, quando a “Hilfsverein”, planejando estabelecer uma escola técnica superior em Haifa, anunciou que todas as matérias do “Technikum” seriam ensinadas em alemão, uma vez que o hebraico ainda não estava suficientemente desenvolvido para suprir as necessidades das ciências exatas. Os jovens professores, junto com seus alunos, abandonaram as escolas da “Ezra”. A Organização Sionista Mundial, que até então apenas alardeava o seu apoio ao hebraico, entrou em ação, e por fim o plano de estabelecimento da escola técnica fracassou. A população judaica da Palestina atuou na ocasião como numa luta nacional, e não erraremos se considerarmos o episódio da “Guerra das Línguas” como a primeira prova de que, realmente, estava sendo criada na Palestina

1) Cf. R. Bachi, “A Statistical Analysis of the Revival of Hebrew in Israel”, *Scripta Hierosolymitana* III (1956), 179-274.

uma moderna nação judaica numa base predominantemente lingüística.

Um outro importante processo interno na história do hebraico, naquela época, também está ligado às escolas. Trata-se da fundação de uma entidade central suprema para determinar as diretrizes do desenvolvimento da língua, ou, como diríamos hoje, o planejamento da língua.

Nos anos 1889-1890, formou-se em Jerusalém um "Comitê da Língua" (termo atualmente traduzido como "Conselho da Língua"). Os membros do "Comitê" eram Eliezer Ben Yehuda (1858-1922), David Yellin (1864-1941), Chaim Hirschensohn (1857-1935) e Abraham Moses Lunz (1854-1918). Todos pertenciam à geração de Ben Yehuda. Dois deles, Yellin e Hirschensohn, nasceram na Palestina. O "Comitê" estava intimamente ligado com a sociedade "Safá Berurá", fundada pouco antes. O propósito das duas entidades era "ampliar o uso da língua hebraica e do hebraico falado em todos os setores do povo". Este "Comitê" se manteve em atividade durante poucos meses apenas, e não temos informação direta sobre os temas de suas deliberações ou sobre suas resoluções. De um breve relatório, publicado em 1912, no primeiro número dos "Anais do Conselho da Língua", verificamos que "as reuniões daquele Comitê tratavam de termos adequados para os conceitos mais necessários e do estabelecimento de padrões corretos de pronúncia".

Conforme dito acima, o "Comitê" interrompeu logo as suas atividades, e justamente durante os anos em que o hebraico foi se radicando na vida da comunidade palestinese, não houve um organismo central que pudesse orientá-lo. As forças controladoras e estimuladoras da época emanavam das escolas, ou melhor, dos professores, sendo que cada professor seguia o seu próprio caminho neste assunto. Alguns professores também começaram a escrever. Embora em circunstâncias regulares isso seria normal, na situação especial da língua

hebraica, ainda em processo de regeneração, criou-se uma sensação de insegurança. Surgiu uma particular objeção a palavras diferentes que designavam o mesmo objeto ou idéia, que foram inventadas e introduzidas em diferentes localidades. Nesses anos, assistimos à crescente influência de David Yellin, um educador de fortes convicções, que acreditava apaixonadamente que o controle da língua devia ser exercido. A "convenção da Terra de Israel", realizada em Zihron Yaacov em 1903, criou a "Associação dos Professores", que reunia todos os professores de hebraico da Palestina, e resolveu restabelecer o Conselho da Língua. O "Conselho" foi fundado durante a primeira conferência da Associação dos Professores, no outono de 1903, e se reuniu pela primeira vez no inverno de 1904-1905, sob a direção conjunta de Ben Yehuda e Yellin. Desde a sua criação, o "Conselho" foi assoberbado de cartas de professores de todo o país, que pediam a sua opinião sobre a terminologia que eles haviam introduzido. O "Conselho" publicou uma terminologia de aritmética para escolas primárias. Assim, deu início ao procedimento que caracteriza o Conselho da Língua (e mais tarde, a Academia da Língua), ou seja, ocupar-se da terminologia de disciplinas inteiras, esgotando cada assunto antes de iniciar o seguinte. Este método evita a criação de inovações ao acaso e assegura uma terminologia adequada às necessidades de seus usuários².

A autoridade de Yellin se devia, em grande parte, ao fato de que foi ele quem popularizou, através de seu livro *Le-fi Ha-taf* (Varsóvia, 1900; cf. Gênesis 47:12), o método do "hebraico através do hebraico". Embora esse sistema se baseasse numa teoria educacional européia e contemporânea³, ele se tornou parte integrante do processo de difusão do hebraico falado no seio do povo judeu, e sua aplicação atingiu o auge com os

2) Para uma lista completa das publicações de terminologia, ver a brochura da Academia *Munabim Ivrim le-Miqzso'otehem*, Jerusalém, 1970.

3) O assim chamado Método Natural, também denominado Método Direto, pelo qual somente a língua a ser aprendida é usada em aula.

métodos do *Ulpan* na década de 1950. Era o único método praticável em face da população de alunos, que falavam as mais variadas línguas, ainda que, ao mesmo tempo, fosse particularmente adequado à idéia de reviver o hebraico como língua popular, rejeitando o uso de línguas estrangeiras, como meio de atingir este mesmo objetivo. Sem dúvida, isso se deve ao desejo de voltar à fonte primeira, à época em que o povo viveu em sua própria terra. Além da considerável capacidade de persuasão de Yellin, naqueles tempos os professores admitiam como base exclusiva para o ensino do hebraico nas escolas, a gramática e a ortografia bíblicas, permitindo o uso restrito de letras como vogais na escrita não vocalizada. Esta decisão contrariava a realidade. A ortografia, chamada em hebraico de "completa" (com acréscimo de *vav* e *yod* para indicar o *i*, *u* e *o* breves) fora corrente no hebraico durante 2000 anos, e seu uso estava se difundindo na Palestina até que se tornou norma em jornais e livros. Igualmente, palavras e formas gramaticais provenientes do hebraico mischnaico ganhavam, cada vez mais, maior penetração no uso diário.

A Primeira Guerra Mundial obrigou a população judaica da Palestina a fazer severas restrições nas suas atividades culturais, mas também trouxe como consequência a Declaração Balfour, e na sua esteira o Mandato de 1921, no qual o hebraico foi reconhecido como uma das três línguas oficiais da Palestina (além do inglês e do árabe). Em 1919 foi fundado o primeiro jornal diário *Hadaschot Ha-Aretz* (depois chamado *Ha-Aretz*). Em 1918, quando ainda se podia ouvir o ribombar distante dos canhões, foi colocada a pedra fundamental da Universidade Hebraica de Jerusalém, e em 1925, ela abriu as suas portas aos estudantes. Em 1924 começou a funcionar o Tekhnion de Haifa. Em 1925, foi fundado o primeiro teatro, o Ohel, e em 1928 o teatro Habima se transferiu de Moscou para a Palestina. Com a chegada à Palestina de H. N. Bialik (1924), de S.

Tchernihovsky (1931), Jacob Cahan (1934), e outros destacados escritores da época, e com o aumento do renome de escritores, cuja estréia se deu na Palestina (como S. Y. Agnon, A. Schlonsky, Schin Schalom e muitos outros), ela se tornou o centro da cultura hebraica. Ao contrário do que acontecia no período anterior à guerra, o foco do desenvolvimento da língua não se situava mais nas escolas, mas na literatura, nas ciências, nas artes, e, acima de tudo, na intensa vida pública e no autogoverno da comunidade palestinese que formava um estado dentro de um estado, e conduzia a sua existência em hebraico. As dificuldades que a administração mandatária antepunha à concretização do sionismo não apenas fortaleceram as metas práticas do *Yischuv**, mas também o seu apego à sua língua: o *Yischuv* foi obrigado a manter o seu próprio sistema educacional, mas, por outro lado, pôde também moldá-lo de acordo com o seu espírito; as restrições à imigração e a conseqüente necessidade de um longo período de *hahschará* (treinamento agrícola) fizeram com que os pioneiros chegassem à Palestina já falando hebraico.

Este foi um período em que o hebraico se difundiu dentro e fora da Palestina. Os judeus nos novos estados da Europa Oriental fizeram pleno uso dos direitos das minorias nacionais, que lhes foram concedidos pela Liga das Nações, e criaram uma impressionante rede de escolas hebraicas (principalmente da organização "Tarbut"), na qual dezenas de milhares de crianças foram educadas, sendo que o hebraico servia tanto como veículo de instrução como de conteúdo cultural. Em muitos países surgiram sociedades de falantes de hebraico, assim como jornais em hebraico. Este foi o início da penetração da língua hebraica viva na diáspora, um processo que se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, com a fundação do Estado de Israel e que se repetiu após a Guerra dos Seis Dias.

*) *Yischuv*, comunidade, colônia judaica (N. da T.)

A cultura hebraica na Europa Oriental e Central pereceu no Holocausto. Entretanto, as virtuais condições de cerco do Yischuv, e o seu isolamento durante a Segunda Guerra Mundial, tiveram como consequência o predomínio mais profundo do hebraico na Palestina. O estabelecimento do Estado de Israel conferiu ao hebraico, como era de se esperar, o *status* de língua oficial (salvaguardando os direitos do árabe como língua de minoria) e ao mesmo tempo também uma posição em negociações internacionais. Entretanto, a mudança de *status* do hebraico se expressou, principalmente, nas manifestações literárias que surgiram com a Guerra de Independência. Uma geração inteira de jovens nascidos na Palestina, começou a sua carreira literária descrevendo os seus sentimentos durante a luta numa linguagem bem distante de qualquer influência das fontes (literatura bíblica e rabínica) que refletia de forma artística, e às vezes de um modo bastante ingênuo e simplista, a fala da geração mais jovem, com sua rudeza e sua gíria. Não apenas estes contos, mas também as músicas de sucesso, que expressavam o espírito da época, empregaram livremente a gíria e formas comuns da fala diária.

Desta maneira estava sendo exposto a todos o resultado do renascimento da língua, que certamente não havia sido o mesmo desejado pelos responsáveis pelo renascimento. Quando o hebraico se tornou a língua de comunicação da juventude, dos não instruídos, de toda a classe de pessoas, de todos os setores de atividade, ele escapou forçosamente do zelo dos escritores de estilo aprimorado e dos gramáticos cautelosos, e começaram a atuar dentro dele todas aquelas forças que, incessantemente, alteram a estrutura das línguas vivas. Quer estas alterações no hebraico tenham sido causadas pela ignorância de parte dos falantes, quer seja pela influência das línguas estrangeiras que falavam anteriormente, ou pela influência do inglês que serviu como língua administrativa e veículo de estudo e comu-

nicação com o exterior, ou ainda, quer estas alterações tenham sido causadas — como têm alegado os jovens lingüistas que adotam métodos científicos ocidentais — por forças geradas dentro da própria língua (e a probabilidade é de que todos estes fatores têm sua parcela no processo), o fato é que a língua falada se distanciou da língua da literatura e das escolas, e desenvolveu os seus próprios padrões e a sua gramática.

De nada adiantaram os esforços dos mestres para erradicar da fala das crianças expressões como: *an lo rotzé*, “Eu não quero” (por: *eneni rotzé*), *yesch li ta* (= *et ha*) *sefer*, “Eu tenho o livro” (por: *yesch li há sefer*, ou: *ha-sefer etzli*), *ni yoschen*, “Eu durmo” (por: *ani ya-chen*), *otkhem* (por: *etkhem*) ou *hakhi yafe*, “O mais bonito”⁴ (por: *hayafe beyoter*). Os artigos admonitórios, as colunas dedicadas à linguagem nos jornais, de nada adiantaram, pelo contrário: verificou-se apenas que muitos destes erros já eram ouvidos na Palestina em 1920.

Na década de cinqüenta foram feitas as primeiras tentativas de descrição científica do hebraico falado. A primeira descrição apareceu nos Estados Unidos⁵. Descrições mais completas dos fatos e do método foram publicadas por dois professores da Universidade Hebraica, Haim Blanc⁶ e Haim Rosen⁷. A publicação do livro de Rosen deu origem a uma agitada e violenta discussão pública, mas como conseqüência da controvérsia, a pesquisa da língua hebraica viva — tanto a falada como a escrita — se tornou parte do ensino da língua nas universidades. Lingüistas de todo o mundo começaram a se interessar pela evolução do hebraico, o qual consideravam uma espécie de labora-

4) A forma *hakhi yafe* não é de origem popular. Foi introduzida pelos escritores e filólogos que se basearam em Samuel II 23,19 e foi rejeitada apenas depois que a interpretação do versículo foi considerada errada.

5) R. W. Weiman, *Native and Foreign Elements in a Language: a Study in General Linguistics Applied to Modern Hebrew*, Philadelphia, 1950.

6) 24 folhetins no semanário Massá de 1952 a 1954.

7) *Ha-Iurit Scheblanu*, Tel Aviv, 1955. Ambos os estudiosos publicaram posteriormente outros livros e artigos sobre o assunto.

tório experimental dos fenômenos da lingüística geral, e pode ser que esta controvérsia pôs fim definitivamente à atitude de descrença e desprezo com que os lingüístas, e particularmente os estudiosos das línguas semíticas, encaravam esta tentativa de reviver "artificialmente" uma língua morta.

De fato, os fiéis guardiães do hebraico tiveram na época pouco tempo para deliberar sobre refinamentos lingüísticos. Com o surgimento do Estado veio uma imensa onda de imigração, que em menos de quatro anos (até 1952) — acrescentou 700.000 habitantes aos 650.000 antigos membros do Yischuv. Poucos dentre os recém-chegados sabiam hebraico. Começaram a surgir jornais numa enorme gama de línguas estrangeiras; os programas radiofônicos eram transmitidos nas diversas línguas dos imigrantes. Em face de tal situação, o Yischuv veterano entrou em ação. Centenas de pessoas se ofereceram voluntariamente para ir até as novas cidades e para os acampamentos temporários dos imigrantes, a fim de ensinar às famílias em suas próprias casas. Foi criada uma rede de *Ulpanim* de tempo parcial (onde os imigrantes trabalhavam parte do dia e estudavam hebraico na outra) e *ulpaniyot* (cursos noturnos). A fim de assegurar a eficiência do ensino, com a ajuda de grande número de professores, foi compilada uma lista das mil palavras mais importantes para o aprendiz da língua. Esta lista básica não serviu apenas como base para o ensino (principalmente através do *Elef Milim*, o livro para principiantes de A. Rosen, e Y. Ben-Shefer, com várias edições revisadas e abreviadas de A. Rosen), mas também para diversas séries de livros para imigrantes⁸. Dois jornais especiais foram criados para aqueles que estudam hebraico: o *Omer* em hebraico normal, mas com vocalização completa, e o *Lamathil* em "hebraico fácil", isto é, com um vocabulário restrito.

8) Uma lista completa encontra-se no Bulletin n.º 1 do Conselho de Ensino de Hebraico, Jerusalém, 1968.

O esforço para introduzir os imigrantes na família dos falantes do hebraico foi coroado de êxito. Era uma severa prova para a vitalidade da cultura hebraica recentemente revivida, mas ela também teve o auxílio de certos fatores sociais: o hebraico era a única língua, em uso na sociedade israelense, que fornecia a imigrantes, de diferentes origens, um meio de comunicação. Nenhuma outra língua falada pelos imigrantes, tinha qualquer chance de se tornar a língua de ligação entre os diferentes grupos. Desde o surgimento do Estado, os contatos pessoais, entre os membros das diferentes comunidades de imigrantes em Israel, tornaram-se muito mais freqüentes e permanentes do que haviam sido no período do Mandato. Uma das principais contribuições para a verdadeira amalgamação das comunidades vindas da diáspora, foi, e ainda é, o Exército de Defesa de Israel, que reúne os jovens nas suas unidades militares e assim também fomenta o mais efetivo processo de fusão: os casamentos intercomunitários. Ademais o Exército também se engajou em atividades planificadas e mais diretas no sentido de ensinar hebraico aos imigrantes jovens quando necessário.

No meio da campanha de difusão da língua hebraica entre os imigrantes, a sociedade israelense averiguou consternada, entre 1954-58, que 15% da população judaica de Israel não sabiam ler ou escrever em nenhuma língua. Não só parte das mulheres das comunidades atrasadas eram iletradas (mais de 55%) como também os homens. Esses fatos não condiziam com a imagem que os judeus tinham de si mesmos como o "Povo do Livro". A campanha de ensino da língua hebraica se transformou, em parte, em ação para erradicar o analfabetismo. O exército novamente se mobilizou. Ele formou uma organização para ensinar a ler e escrever e ministrar educação básica, e enviou moças-soldados para ensinar adultos iletrados. O jornal *Lamathil* acrescentou uma "Página para o Novo Leitor" destinada àqueles que estavam aprendendo hebraico, ao

mesmo tempo em que aprendiam elementos de leitura. Esta atividade chamou a atenção para o fato de que o hebraico, do modo como é escrito e como é ensinado nas escolas, é uma língua rica e desenvolvida, e para dominá-la totalmente se faz necessário o estudo da literatura e das fontes antigas, pois ela não é plenamente inteligível para quem apenas conhece o hebraico falado. Este é atualmente um problema comum nas línguas de todo o mundo, as quais partiram da educação letrada para a educação de massas que antes não contavam com a cultura escrita. Em hebraico esse problema é particularmente grave, devido à sua recente saída do *status* de língua de fontes antigas, e à profunda ligação do estilo literário hebraico com as fontes e tradições da língua, além do fato de que o hebraico serviu relativamente pouco tempo como meio de comunicação escrita para todas as classes. Até agora não surgiu ainda nenhum estilo hebraico popular. Atualmente, o material escrito expressamente para consumo popular, como por exemplo, traduções de livros policiais ou romances populares, é freqüentemente redigido numa linguagem que é, ao mesmo tempo, incorreta e difícil para o leitor. Os jornais de esporte constituem uma exceção; estes desenvolveram um estilo simples e substancial, próximo do hebraico falado, que utiliza bastante a gíria. A preocupação com o abismo existente entre os assuntos escritos em hebraico aceitável, e a capacidade de uma considerável parte da população de compreender completamente este material tem sido expressa desde o fim da década de 60, principalmente nos debates sobre a educação de crianças carentes. Alguns livros de textos foram especialmente escritos para estas crianças e têm sido feitas tentativas de criar uma literatura informativa e de ficção para pessoas menos dotadas.

A aproximação do hebraico ao povo implica em vários problemas entre os quais destaca-se o da leitura não vocalizada. Na verdade esta questão se divide em dois aspectos. Um aspecto é que a ortografia não-voca-

lizada não fornece suficientemente a pronúncia correta das palavras. Portanto não é efetiva na correção de formas erradas usadas comumente na linguagem diária, e favorece o aparecimento de mais erros. O outro aspecto está ligado ao fato de que a maioria das palavras escritas sem vogais podem ser lidas (corretamente) de diversas maneiras. Porém, apenas raramente, esta ambigüidade possibilita uma compreensão diferente de frases inteiras. Normalmente, o contexto impede interpretações alternativas da leitura, e o leitor experiente, familiarizado com a linguagem literária, não encontra dificuldades.

A poesia, onde as possibilidades de leitura incorreta são maiores, é sempre impressa com vogais. Mas, o que afirmamos é verdade apenas em relação ao leitor experiente, e não para quem tem pouca prática de leitura de textos não-vocalizados, ou quem lê raramente, ou cujo domínio do hebraico é imperfeito. Este leitor, provavelmente, não percebe as alusões do contexto, especialmente quando estas alusões aparecem depois de palavras sobre as quais tem dúvida. O leitor experiente é capaz de corrigir automaticamente uma leitura errada, mas o leitor inexperiente se confunde facilmente.

Antes da Guerra da Independência, em 1948, o Conselho da Língua apresentou uma proposta de ortografia plena, com o acréscimo regular de letras para o *o* e o *u*; marcação distintiva do som *s* e do *schw*, e dos sons *b*, *k* e *p* das letras כ, ק, ב. Devido aos acontecimentos daquela época, a proposta não foi oficialmente ratificada. Em 1953, foi estabelecida a Academia da Língua Hebraica, adotando as tarefas do antigo Conselho da Língua, com a diferença de que, de ora em diante, passou a ser um organismo oficial cujas decisões passavam a ter força legal, após serem subscritas pelo Ministro da Educação e Cultura. Decorrido algum tempo, a Academia tomou a seu cuidado o problema da ortografia. Designou várias comissões, que se sucederam, para ela-

borarem propostas mais coerentes do que as do Conselho da Língua, uma das quais sugeria assinalar as vogais *a* e *e* regularmente por novos sinais colocados entre as letras e acima da linha. Nenhuma dessas proposta obteve a necessária maioria de votos nas deliberações da Academia. Finalmente, em 1968, os membros da Academia concordaram em ratificar a grafia de 1948 proposta pelo Conselho da Língua. Cerca de um ano mais tarde, em 27 de maio de 1969, esta decisão foi publicada pelo Ministério da Educação e Cultura em seu órgão oficial.

Desde setembro de 1973, a nova ortografia está sendo ensinada nas escolas. Entretanto, esta ortografia ainda não se tornou de uso geral, sendo que o processo provavelmente deverá ser demorado. Mas este ato tem um significado profundo: é a primeira vez em que o Estado de Israel, através de uma de suas instituições centrais, regulariza um aspecto essencial da língua hebraica. Podemos considerá-lo um ato simbólico que marca a relação viva que existe entre o povo de Israel e a sua língua.

Entretanto, esta ligação está em vigor atualmente apenas no seio do povo que vive no Estado de Israel. Entre as pessoas que residem na diáspora continua vigorando o estado de coisas gerado pela assimilação e pelas grandes migrações do século XIX e do início do século XX: o hebraico tradicional que até então unira os judeus de todo o mundo está desaparecendo e não foi substituído pelo hebraico, quer como língua falada, quer como veículo de leitura. A religião, a cultura, o pensamento político — tudo que diz respeito ao judaísmo como um todo — continua veiculado através da tradução. O problema não é só que a vida judaica não é conduzida na língua em que seus valores espirituais foram criados e o surgimento de uma barreira entre a herança cultural e aqueles que dela necessitam, mas reside no fato de que todo contato entre os maiores grupos judaicos da diáspora necessita de tradução.

Falachas: Tribo judaica que habita na Etiópia e que, conforme sua tradição, desce do Rei Salomão e da Rainha de Sabá. Sua língua é o amharico, o idioma da Etiópia, mas utiliza-se do antigo ge'ez como língua litúrgica. Seus costumes e seu culto diferem dos do tronco judaico principal; embora mantenham algumas tradições, principalmente aquelas de origem bíblica, desconhecem todo o corpo de leis e preceitos do Talmude e da literatura rabínica.

Fariseus: Em hebraico "pruschim", significando separação, pois não concordavam com a posição dos saduceus. Para os fariseus, cujos adeptos provinham principalmente da classe média urbana e dos pequenos proprietários de terra, o país devia ser governado segundo as leis da Torá, interpretadas conforme as necessidades da vida diária. Exigiam que o Sumo Sacerdote fosse eleito pelo Sinédrio para assegurar o predomínio da religião sobre a política.

Gaon: (Lit. orgulho, gênio, grande sábio). Título com que eram designados os Patriarcas da Babilônia e chefes das Academias Rabínicas de Sura e Pumbedita no período da formação do Talmude e até o século X aproximadamente.

Grande Midrash: Coletânea de "Midraschim" compilada no Iêmen, no século XIII, contendo trechos extraídos da obra de Maimônides e de toda a literatura filosófica judaica da Idade Média.

Haggadá (da Páscoa): substantivo hebraico derivado do verbo *le-haguid*: dizer, contar. Designação da coletânea de interpretações, preceitos, lendas, preces e hinos referentes ao êxodo do Egito, recitados durante o ritual das duas primeiras noites da Páscoa.

Hahshará: (Lit. preparação). Grupos de jovens sionistas que se reuniam e residiam por algum tempo em fazendas e pequenas aldeias da Polônia (até a Segunda Guerra Mundial) a fim de aprender o trabalho agrícola e se preparar para emigrar para a Palestina.

Halahá: Lei, tradição, prática; designa também a parte legal e de jurisprudência do Talmude, em oposição com a "agadá", que se refere às lendas, relatos, anedotas, parábolas, etc.

Haschahar: (Lit. "A Aurora"); revista mensal hebraica publicada em Viena, com pequenos intervalos entre 1869 e 1885. Seu editor, o escritor Peretz Smolenskin, transformou-a em porta-voz do movimento da Haskalá e das idéias de renascimento nacional.

Haskalá: (Lit. ilustração, erudição). Nome dado ao movimento de ilustração judaica que se iniciou na Alemanha em meados do século XVIII com Moisés Mendelsohn, difundindo-se posteriormente na Europa Oriental, onde passa a se constituir em movimento de modernização e renovação da vida judaica e das letras hebraicas.

Hassídica, Literatura: Consiste de relatos orais de episódios, histórias, lendas, parábolas, máximas, alegorias, contadas pelos mestres hassídicos aos seus discípulos que mais tarde os registraram. A linguagem do relato hassídico é o hebraico e principalmente o *íidiche*; seu estilo geralmente é popular e simples.

Hassidim, Livro dos: em hebraico *Sefer Hassidim*. Obra que abrange as idéias dos "hassidei Aschkenaz"; movimento piedoso judaico da Alemanha no século XII e XIII, liderado pelo Rabi Yehuda de Regensburg. Seus princípios eram ascetismo, humildade e um extremo pietismo.

Hassidismo: Movimento religioso judaico de características místicas e populares, muito difundido entre os judeus da Europa Oriental entre os séculos XVIII e XIX. Seu fundador foi Israel ben Eliezer, o Baal Schem Tov, que incluiu no culto o canto, a dança, incluindo-lhe alegria, na crença de que a centelha de santidade existe em todo homem e em todos os seus atos.

Hazal: Abreviação hebraica das palavras "Hahameinu Zihronam Livrahá" (Nossos Sábios de Bendita Memória) que se refere aos mestres do período da Mischná que interpretavam e ensinavam a Torá para o povo.

Hazal, Língua de: Designa a linguagem falada pelos sábios da Mischná nos seus ensinamentos e interpretações. Esta linguagem também é chamada a "Linguagem da Mischná" ou hebraico mischnaico.

Hebraico Mischnaico ou a "Língua dos Sábios" (ver Língua de Hazal).

Lamathil: (Lit. "Para o Principiante"); jornal hebraico com textos fáceis e em parte vocalizados, publicado semanalmente, destinado a imigrantes e aprendizes de hebraico.

Mahzor: Livro de rezas que contém o ritual de orações das Grandes Festas: Rosch Haschaná (Ano Novo) e Yom Kipur.

Mahzor Aschkenazita: É o livro de rezas das Grandes Festas judaicas adotado pelas comunidades judaicas da Europa Oriental e que se baseia no ritual de orações adotado na Palestina e não na Babilônia.

Mahzor Sefardita: É o livro de orações adotado pelas comunidades de origem ibérica que se baseia na liturgia adotada na Babilônia. Parte desta liturgia foi adotada pelos "hassidim" aos quais ela foi transmitida pelos discípulos de Ari, mestre cabalista de Safed.

Maskil: Designação hebraica do indivíduo que compartilha do ideário da Haskalá (lit. culto, instruído, inteligente).

Midrasch: (Estudo, interpretação, explicação; pl. "midraschim"). Também termo que designa as obras que compreendem lendas, interpretações, parábolas, máximas e comentários homiléticos, não incluídos no Talmude e na Bíblia, mas compilados em compêndios à parte.

Mischná: Coletânea de leis, preceitos e comentários do Pentateuco, elaborados durante o período do Segundo Templo e pelos tanaítas nos séculos I e II na Palestina, e finalmente compilados por volta do ano 200 da E.C., sob a orientação de Rabi Yehuda Hanassi. A Mischná divide-se em 6 ordens e 63 tratados que abrangem todos os aspectos da vida judaica.

Mischnaica, Literatura: Nome dado ao conjunto de textos que inclui a Mischná, o Midrasch, a Tosefta e a Baraita (Comentários Externos), cuja elaboração e compilação deu-se entre o fim do período do Segundo Templo e o fim do século II da E.C., na Palestina. Esta literatura inclui diversos gêneros que vão desde o comentário erudito e a exegese legal, até a lenda, a parábola e a anedota.

Omer (Lit. feixe): Jornal em hebraico fácil e com textos vocalizados, publicado na década de 50 e 60 em Israel, destinado a imigrantes recém-chegados e aprendizes da língua.

Piyut: Poesia litúrgica. Nome que designa sobretudo a poesia de cunho religioso criada na Palestina entre os séculos V e X da E.C. Seus principais expoentes foram Iossei ben Iossei, Ianai e Elazar Hakalir. Esta poesia se distingue pelo rebuscamento lingüístico e pela densidade de alusões às fontes, o que a torna de difícil leitura. A Idade de Ouro na Espanha, também produziu uma poesia litúrgica, que se caracteriza por maior carga emotiva e filosófica. Com o decorrer do tempo parte destes poemas litúrgicos foram introduzidos no ritual e passaram a fazer parte da liturgia.

Raschi, Comentários de: Raschi, abreviação hebraica do nome Rabenu (Nosso Mestre) Schlomo Itzhaki; viveu de 1040 a 1105 na França. Foi um dos maiores comentaristas da Bíblia e do Talmude. Seus comentários são os mais populares,

Se o inglês se tornou agora uma espécie de língua de contato em conferências e periódicos, este fato apenas ilustra o nosso *status* peculiar de "Nação da Tradução", pois isso se expressa no uso do inglês em reuniões internacionais para contatos entre pessoas de diferentes origens. É notável que no início da década de 70, há indícios de retomada do elo, de uma tendência que equipara o conhecimento do hebraico atual com a identificação pessoal com o movimento do despertar judaico. Isso, por sua vez, encontra expressão no impressionante aumento da proporção dos falantes de hebraico entre os jovens, não apenas nos Estados Unidos e no Canadá, mas também na América do Sul e na Europa Ocidental; no crescente interesse da juventude estudantil nos estudos hebraicos, e na pressão que estudantes judeus exercem no sentido de que sejam fundados departamentos de estudos hebraicos nas universidades. Isso assume a sua forma mais dramática no despertar do "judaísmo silencioso" da União Soviética, onde os judeus criaram os seus próprios *Ulpanim* para estudo do hebraico, com sérios riscos pessoais; onde eles estudam hebraico às escondidas e escrevem poemas hebraicos no cárcere. Só que, desta feita, a principal diferença é que a pressão vem de baixo, ela provém daqueles que não sabem hebraico. Parece que nesse momento, a dispersa nação judaica está em processo de auto-reorganização em torno dos dois pólos de sua unidade: sua pátria libertada e sua língua ressuscitada.

GLOSSÁRIO

Aliá: (Literalmente ascensão, peregrinação). Atualmente o termo é usado na acepção de imigração para Israel.

Primeira Aliá: Termo que se refere ao importante movimento de imigração à Palestina que se deu entre 1882 e 1904, de judeus procedentes da Rússia, Polônia e Lituânia, em consequência da onda de "pogroms" ocorrida na década de 80 na Rússia czarista. A maior parte destes imigrantes dedicou-se à agricultura fundando as primeiras "moshavot" (aldeias agrícolas).

Segunda Aliá: Termo que designa a onda de imigração para a Palestina que se deu entre 1904 e 1914, constituída principalmente de judeus russos que fugiam dos "pogroms" ocorridos entre 1903 e 1905. A principal corrente desta leva era formada por jovens que abandonaram os seus estudos e na Palestina se dedicaram ao trabalho físico, a princípio como operários assalariados e posteriormente nos primeiros "kibutzim" formados por eles.

Amoraítas: (hebr. "amoraim" — plural de "amorá"). Designação aramaica dos sábios e exegetas do período da formação do Talmude, séculos II a V da E.C.

Aschkenaz: Alemanha. O nome Aschkenaz figura na Bíblia (Gênesis, 10:3) como filho de Gomer. O Talmude Babilônico identifica Gomer com a Germânia, conseqüentemente, seus descendentes, os francos, foram identificados com Aschkenaz.

Aschkenazita: Nome dado aos judeus originários da Alemanha (Aschkenaz), e atualmente por extensão a todos os judeus da Europa Ocidental e Oriental.

Baal Schem Tov: Israel ben Eliezer, fundador do hassidismo, cognominado de Baal Schem Tov (Aquele que Possui Bom Nome) (1700-1760).

Beit Midrasch: (Midrasch: estudo, interpretação). Casa de Estudos das Sagradas Escrituras, geralmente anexa a uma sinagoga.

Bilu: Sigla composta pelas iniciais das palavras hebraicas Beit Yaakov Lehu Venelkha. Nome de um grupo de jovens estudantes que revoltados com os "pogroms" de 1881-82 na Ucrânia, preconizam a imigração para a Palestina e a reconstrução da pátria judaica.

Binianim: (forma pl. de "binian") Lit.: construção, edificação. Conceito da gramática hebraica que designa as sete construções verbais que distinguem as formas pelas quais a ação é realizada, dividindo-se em três ativas, três passivas e uma reflexiva.

Cabala: (Lit. tradição). Nome que designa o conjunto de obras e concepções da mística judaica, que ganha a sua formalização a partir do século XIII, na Espanha, com o Livro do Zohar. Divide-se em Cabala teórica e prática.

Eber: Personagem bíblico (Gênesis, 10 e 11). Eber era neto de Sem e antepassado de Abraão, o primeiro a ser denominado de hebreu.

Língua de Eber: Denominação da língua hebraica.

visto que reúnem as qualidades de simplicidade, precisão e clareza, trazendo às vezes inclusive explicações etimológicas e gramaticais.

Saadia Gaon: Ilustre pensador, poeta, gramático, tradutor e exegeta bíblico. Nasceu em 882 no Egito e faleceu na Babilônia em 942. Autor do primeiro dicionário e de uma das primeiras gramáticas hebraicas. Seu "Livro das Doutrinas e das Crenças" é uma das obras básicas do pensamento religioso-filosófico judaico na Idade Média. No tocante à linguagem poética foi um dos primeiros poetas que preconizou o uso da linguagem bíblica pura no que foi seguido pelos poetas hebreus da Península Ibérica.

Saduceus (hebr. "tzedukim"): Durante o período do Segundo Templo, grupo social e político que representava a aristocracia religiosa e urbana, ligada ao Templo e à tradição conservadora. Seu nome deriva da família de Tzadok que detinha o cargo de Sumo Sacerdote. Os saduceus estavam preocupados antes de mais nada com a sobrevivência política e militar do país e neste sentido lutaram pela união do poder religioso com o político na pessoa do rei, que ao mesmo tempo, exercia também as funções de Sumo Sacerdote. Sua negligência dos assuntos religiosos e espirituais é o fundo do seu conflito com os fariseus.

Sefardita: Nome dado aos descendentes dos judeus que foram exilados da Espanha e de Portugal (1492 e 1497, respectivamente) e que criaram novas comunidades na Itália, Grécia, Turquia, Holanda e também na América. Seu idioma tradicional, além do hebraico é o ladino.

Sefardita, Pronúncia: A chamada pronúncia sefardita é a pronúncia hebraica usada pela comunidade sefardita que foi adotada no hebraico falado modernamente, por ser considerada a que mais se aproxima da pronúncia hebraica antiga.

Siddur: Livro de rezas que contém o ritual de orações do ano inteiro.

Siddur de Saadia Gaon: Entre as inúmeras obras de Saadia Gaon encontra-se o seu "siddur" (livro de orações) no qual procurou uniformizar e conciliar os diversos textos litúrgicos adotados pelas comunidades judaicas de seu tempo para chegar a uma versão litúrgica única adotada por todos.

Talmude: (Lit. estudo). Nome geral dado aos dois códices da Lei Oral que contém a Mischná e o seu comentário, a Guemará. O **Talmude Babilônico** é o códice compilado por Rav Aschi e concluído por Rav Iossei, no princípio do século VI na Babilônia. O **Talmude Jerusalemita** é o códice elaborado pelos amoraitas das academias na Palestina, compilado por Rabi Yohanan e concluído cerca de 150 anos antes do Talmude Babilônico.

Tanaítas (hebr. "taná"): Nome com que são designados os sábios da Mischná.

Targum: Tradução, acrescida geralmente de interpretações em línguas aramaica, do texto hebraico da Bíblia.

Targum Onkelos: Tradução aramaica do Pentateuco tradicionalmente atribuída a um grego chamado Aquiles que se converteu ao judaísmo e foi discípulo de Rabi Akita. Trata-se da mais popular tradução aramaica, elaborada com o intuito de traduzir e interpretar o Pentateuco no momento em que os judeus começavam a deixar de falar o hebraico na vida diária.

Tosefta: Coletânea de "comentários adicionais" às leis, que não foram incluídos no cânone da Mischná.

Ulpan, pl. ulpanim: Escola, lugar de aprendizado, estúdio. Modernamente usado para designar os locais onde se ensina hebraico para os novos imigrantes adultos, recém chegados a Israel e onde é aplicado o método que recebe este nome.

Yalkut Schimoni: Coletânea de lendas e “midraschim” antigos, composta de duas partes: a primeira versa sobre o Pentateuco e a segunda sobre os livros proféticos. Parte destes textos antigos se perderam. Sua autoria é desconhecida; certos pesquisadores a atribuem a Rabi Schimon Aschkenazi que vivia em Frankfurt no século XIII; outros a atribuem a Rabi Schimon Kará, falecido em 1170.

Yschuv: (Lit. comunidade). Designação genérica da comunidade judaica que residia na Palestina antes da fundação do Estado de Israel (1948).

Zohar: (Lit. brilho, esplendor). Denominação da mais importante obra cabalística redigida em aramaico e atribuída a Rabi Moisés de Leon, que vivia na Espanha no Século XIII. (Também chamado **Sefer ha-Zohar**, Livro do Zohar).